



ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

para
SEMPRE

CONTOS E POEMAS DE AMIZADE E AMOR

VOL. VI

Selo Conexão Literatura

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-01-21264-7

2024

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O CAPÍTULO DESEJADO

- CORPO E ALMA, POR ANE ROSE GASSEN, PÁG. 05
CORÇÃO DESNUDO, POR ANE ROSE GASSEN, PÁG. 07
DESCOMPASSO, POR ANNA LUZ, PÁG. 09
O AMOR ETERNO É AMARELO, POR CLARISSA MACHADO, PÁG. 14
ODE AO AMOR IMORTAL, POR DÉBORA GUELMANN, PÁG. 19
AH... O AMOR, POR DJANY DE CARVALHO, PÁG. 21
O AMOR NASCE DAS ROSAS, POR FRANCISCO JOCELY OLIVEIRA DOS SANTOS, PÁG. 22
ROSAS DO SILÊNCIO, POR FRANCISCO JOCELY OLIVEIRA DOS SANTOS, PÁG. 25
SEMEADURA (A MÃO DO HOMEM), POR FRANCISCO JOCELY OLIVEIRA DOS SANTOS, PÁG. 28
VIVER E NÃO AMAR, POR FRANCISCO JOCELY OLIVEIRA DOS SANTOS, PÁG. 30
A ARTE DO POEMA, POR FRANCISCO JOCELY OLIVEIRA DOS SANTOS, PÁG. 32
CARBONO MERECEDOR, POR IZZY, PÁG. 35
O SILÊNCIO CONFORTÁVEL, POR JOANNA PINTO DA FONSECA, PÁG. 38
CONVERSA DAS GAVETAS, POR JULIANO AMARAL NOGUEIRA, PÁG. 40
PARA FALAR DE AMOR, POR LÍVIA ABRAHÃO, PÁG. 44
AMARELO, POR SELMA LUANNY, PÁG. 47
REFERÊNCIAS, POR SELMA LUANNY, PÁG. 49
IRMÃOS NA DIFERENÇA, POR SELMA LUANNY, PÁG. 51
MAIS UMA TRISTE HISTÓRIA DE AMOR, POR SELMA LUANNY, PÁG. 53
CADÊ MINHA LARANJA?, POR THIAGO SOUZA SANTOS, PÁG. 55
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 57

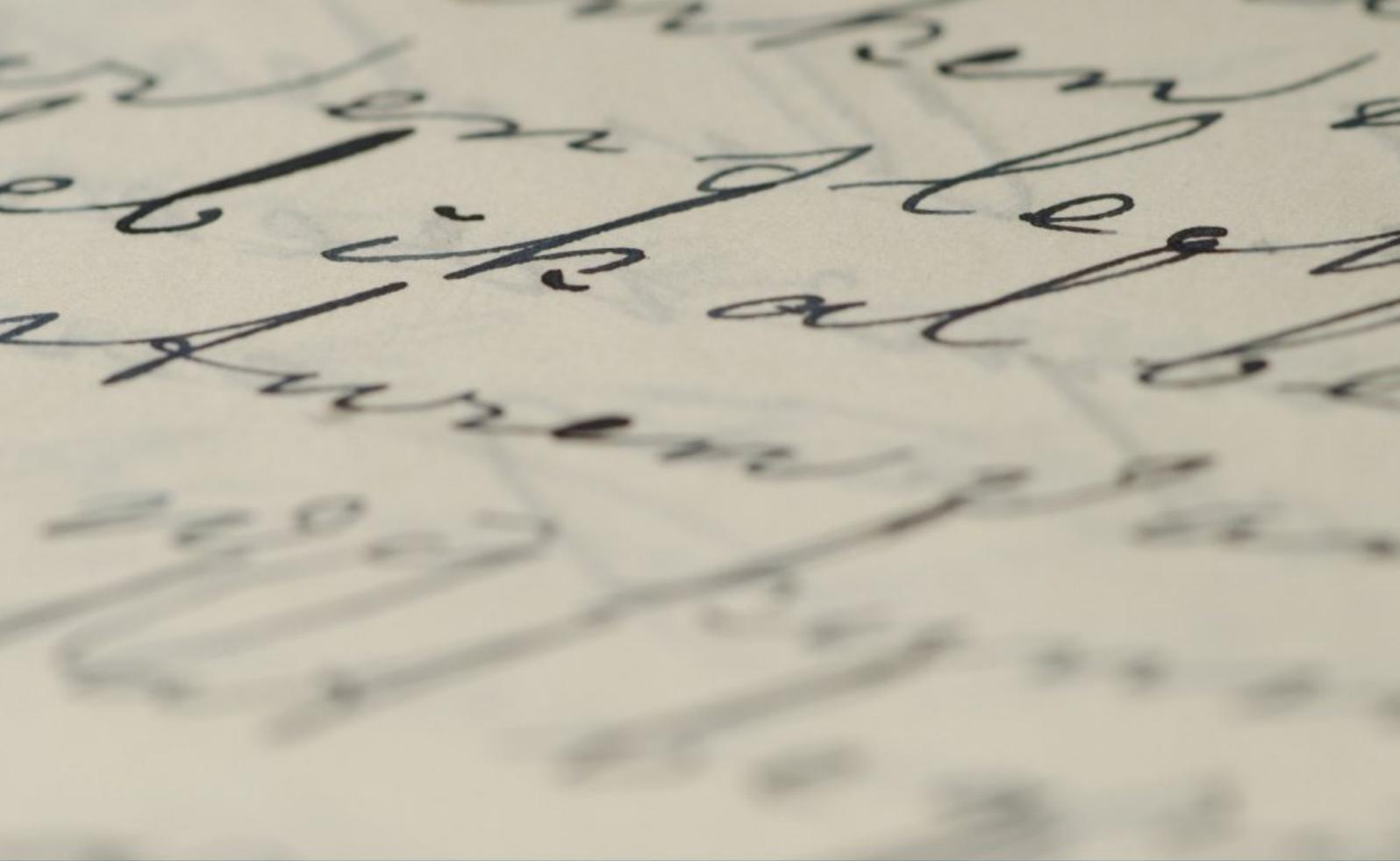
ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

para
SEMPRE

CONTOS E POEMAS DE AMIZADE E AMOR

VOL. VI

Selo Conexão Literatura



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

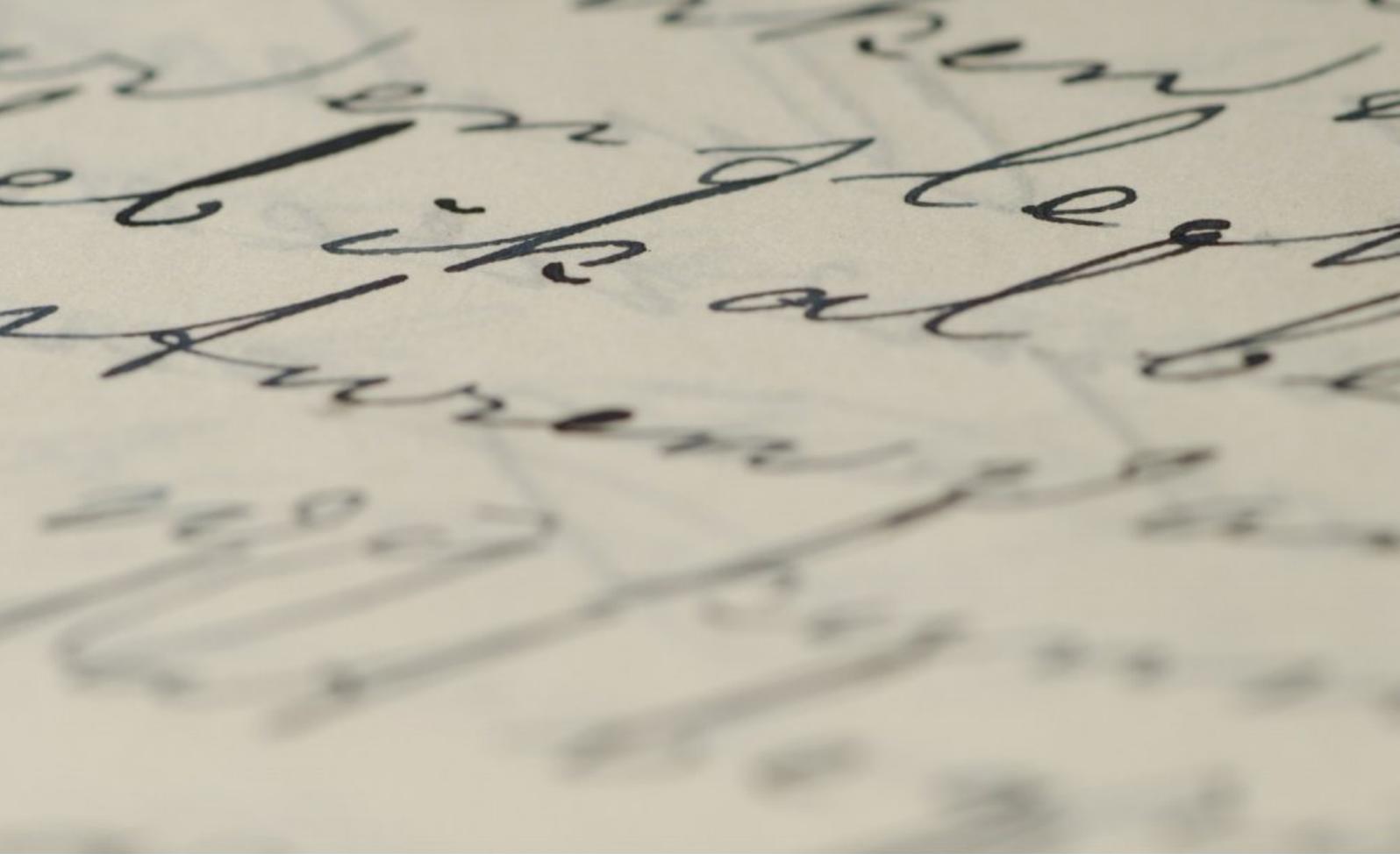
Corpo e alma

Por Ane Rose Gassen

Sou Ane Rose, nascida e criada em SC, porém aos 20 anos me mudei para o RS e entrei para a Universidade. Sou professora graduada em Letras Português/Inglês, Pós-graduada em Estudos da Linguagem -Línguas, Literaturas e Tradução. Cursando Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários. Ensino inglês e português há mais de 15 anos, entre escolas públicas e privadas. Trabalho com adolescentes e jovens adultos, bem como alunos particulares de inglês, com forte atuação no ensino online. Eterna apaixonada por livros, música, literatura e poesia. Escrevo poemas desde os meus 12 anos e sempre pensei em algum dia publicá-los. Penso que chegou o momento. Outro dia sonhei com palavras espalhadas ao vento, acordei e uma voz me disse, escreva este poema. Foi assim.

Apressa-te a me encontrar
Tempo, não temos
Volta depressa, conta-me o que tem passado
Sussurra no meu ouvido tudo aquilo que eu quero ouvir
Todo desejo, calor e intensidade que me faz água
Escorro para dentro de ti
Dois corpos, uma alma, uma chama, um desejo
Quando te vejo me perco
Quando me perco, te quero
Quando penso, te desejo
Todo o tempo, te busco
Quando encontro, desfaleço
As almas enfim se conectam
Antes da língua, quero enroscar em suas palavras
Antes de deslizar pelas curvas de suas pernas, te acompanho com meus passos
Antes das roupas no chão, inteligência nua
Antes do encaixe, ajustamos as imperfeições
Antes do corpo, alma.





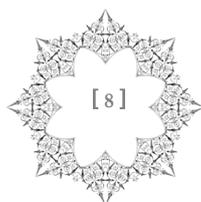
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

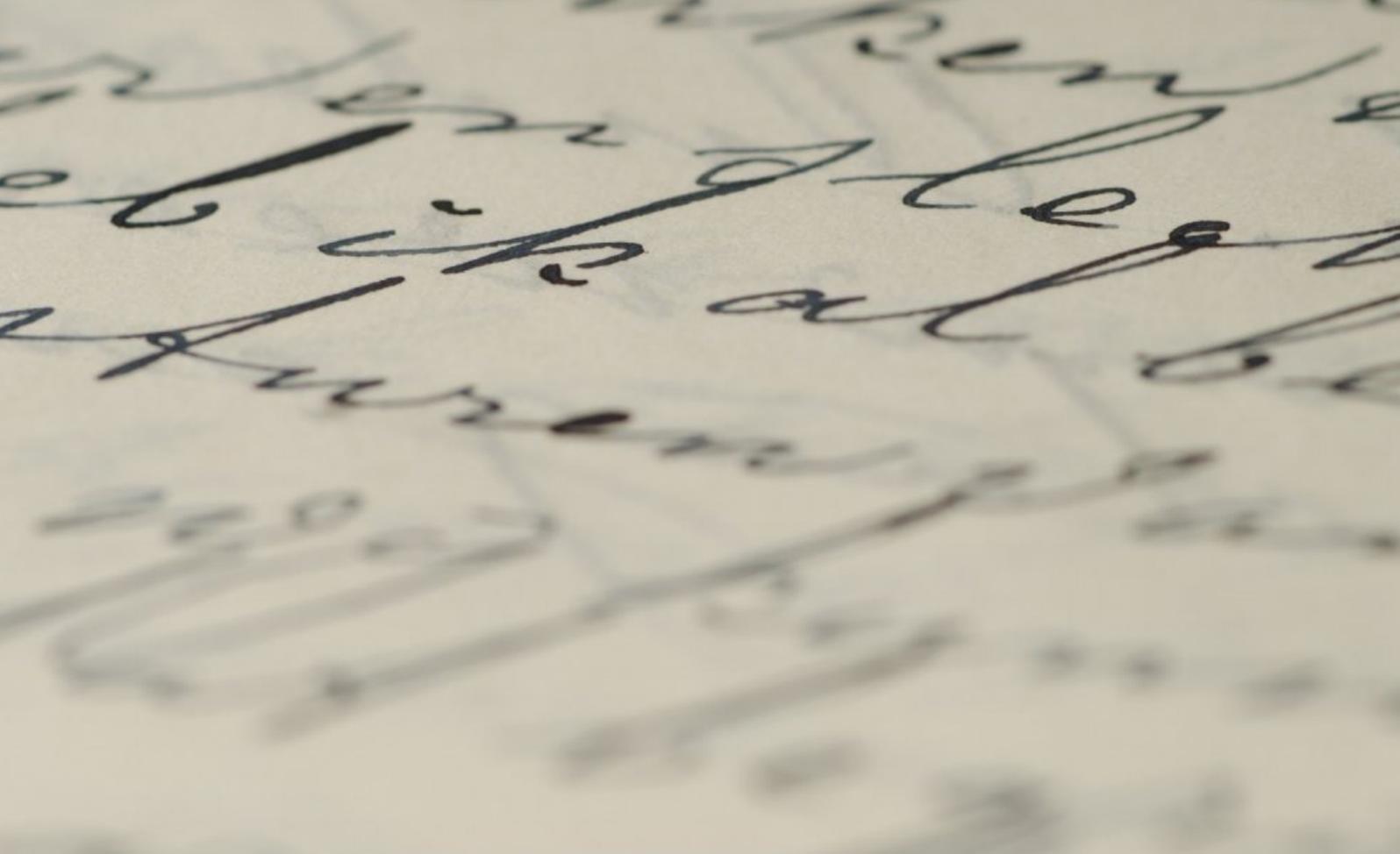
Coração desnudo

Por Ane Rose Gassen

Sou Ane Rose, nascida e criada em SC, porém aos 20 anos me mudei para o RS e entrei para a Universidade. Sou professora graduada em Letras Português/Inglês, Pós-graduada em Estudos da Linguagem -Línguas, Literaturas e Tradução. Cursando Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários. Ensino inglês e português há mais de 15 anos, entre escolas públicas e privadas. Trabalho com adolescentes e jovens adultos, bem como alunos particulares de inglês, com forte atuação no ensino online. Eterna apaixonada por livros, música, literatura e poesia. Escrevo poemas desde os meus 12 anos e sempre pensei em algum dia publicá-los. Penso que chegou o momento. Outro dia sonhei com palavras espalhadas ao vento, acordei e uma voz me disse, escreva este poema. Foi assim.

Sou coração, sou estilhaços, sou pedaços
Nesse fazer-me e desfazer-me, me despedaço,
Às vezes me perco, outras me acho
Vou sendo em descompasso
O coração é meu guia, meu andar por vezes em cacos
Ele segue sendo minha bússula, meu norte e sul
Então sinto muito, vibro, pulso, busco, encontro,
Em devaneios por vezes me escapo
Caio, levanto, ando, corro, outra vez tropeço
No meio caminho outra vez me refaço
E retorno, e recomeço
Sinto o mundo, sinto o pulso, coração desnudo, submerso
Sou pele, alma, sou carne, chama que arde.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Descompasso

Por Anna Luz

Helen Jane Ladeira da Costa, nasceu em 26 de setembro de 1973, na cidade de Jacareí, interior de São Paulo. Desde criança destacou-se pela criatividade em tecer palavras e costurá-las em textos. Se graduou em Direito e após mais de 20 anos advogando, com maturidade e maior capacidade de reflexão crítica, passou a explorar o potencial literário de seus textos.

Naquele ano, eu cursava o penúltimo semestre de Saúde Pública e fazia estágio em período integral. No caminho do estágio, havia uma livraria de rua; era meu costume parar ali; adorava o cheiro de livros novos; há na livraria algo de acolhedor, principalmente nas mais tradicionais, como aquela. Foi em uma dessas paradas que eu a conheci.

Liz, uma garota bonita, mas com aparência natural e despretensiosa; sem tinta nos cabelos ou cortes “autênticos”; sem piercing ou tatuagens; se aproximou de mim e perguntou algo, não me recordo o quê; pensou que eu trabalhava ali.

- Não trabalho aqui – sorri.

Ela se desculpou meio sem graça; ouvimos a chuva chegar num estrondo; troquei a desculpa por um café, ali mesmo na livraria. Ela aparentou surpresa com o convite, mas aceitou. A conversa fluiu, nem parecia que acabávamos de nos conhecer. Em alguns minutos descobri que ela cursava Direito, estava no primeiro semestre; vinha do interior e tinha um namorado que datava da adolescência.

- Seu relacionamento talvez não resista à distância – brinquei, ela sorriu incrédula.

Eu morava no alojamento do campus, já que chegar à casa de meus pais me renderia algumas horas entre ônibus e metrô. Ela era mantida por seus afortunados pais em um apartamento perto da Avenida Paulista.

Trocamos contato e marquei de levá-la para conhecer a Prainha da ECA, na Quinta i Breja, um espaço de vivência estudantil da Escola de Comunicações e Artes da USP. O interessante é que, apesar de aparentemente não termos nada em comum, senti vontade de vê-la novamente.

Por mais que eu tentasse não me importar, a ansiedade me tomou nos dias que antecederam nosso encontro, e fiquei feliz quando a reencontrei; senti que a sensação foi recíproca. Depois da Quinta i Breja, passamos a nos falar quase todos os dias. Ela estava há poucos meses na cidade e não conhecia quase nada. Íamos aos bares, parques, teatro, cinema. Aos domingos, Liz gostava de ir à feirinha de artesanato no Parque Trianon, depois fazíamos um lanche sob daquelas árvores centenárias. Ela chamava de piquenique, eu insistia que só era um lanche. Ela me chamava carinhosamente de “*chéri*”, e eu a chamava diretamente de Liz.

A cada dia que passava, eu me encantava mais por ela, por suas mensagens recheadas de emojis bobos; por seus modos desajeitado, quase uma menina. Sempre dava um pulinho quando se sentia feliz, algo discreto e espontâneo. Eu achava fofo.

Nas férias de julho, Liz foi para casa de seus pais e eu fiquei cuidando de seu apartamento. Nós trocávamos mensagens várias vezes ao dia. Senti muito sua falta. Nossas rotinas estavam interligadas. Eu havia me afastado de meus amigos, já que nunca perdiam a oportunidade de me alertar sobre a fragilidade daquela relação. Eu não queria escutar, achava que era questão de tempo para que ela me visse com outros olhos. Na verdade, na minha cabeça, isso estava bem próximo de acontecer. Mas não demorou muito para que a realidade se revelasse outra.

O descompasso aconteceu em meados de setembro. Eu estava em seu apartamento preparando um carbonara. Liz havia saído para comprar vinho. Quando retornou, entrou pela porta com um buquê de flores em um dos braços e no outro trazia consigo um rapaz alto, jovem, bonito e com cara de bobo.

-Surpresa!!!!

Sim, uma grande surpresa. Liz recebeu a inesperada visita de seu namorado, a primeira em nove meses. Ele tinha uma mala em uma das mãos e nossa garrafa de vinho na outra. Ela aparentou estar mais surpresa do que feliz. Senti-me em flagrante, meio desconfortável estiquei a mão para cumprimentá-lo, mas de forma inesperada, ele me puxou e me abraçou fortemente, dizendo que Liz só falava a meu respeito.

-Sinto até ciúmes!!!! - Completou num tom de brincadeira.

“Inocente” – pensei. Sorri de volta e fui pegando meu casaco e calçando meus tênis.

-Onde você vai? - Disse Liz.

- Melhor deixar vocês matarem a saudade, amanhã nos vemos.

- Acho que não... Amanhã vou roubar minha garota para uma surpresa – disse ele seguro de si.

- Divirtam-se – sorri falsamente e me despedi, morrendo de raiva. Ao deixar o prédio, cai no choro em total desconsolo.

Passaram-se três dias sem que trocássemos mensagens. Isso nunca havia acontecido desde que nos conhecemos. Então tomei a iniciativa:

- E aí? Qual a boa? Tá sumida, estou com saudade.

Ela me respondeu quase que imediatamente, disse que queria me ver e que havia sido pedida em casamento. Parecia agitada.

Por um momento minhas pernas falharam; meu coração miudou-se; emudeci. Não respondi aquela mensagem, nem a outra, nem a outra, nem as ligações. Passados alguns dias, minha angustia não cedia; não conseguia comer, estudar, trabalhar. Eu precisava colocar um fim naquela agonia; decidi me declarar. Não podia fugir para sempre; ela precisava saber de meus sentimentos; precisava saber que eu não iria acompanhar os preparativos de seu casamento brega. Era muita frustração para conciliar.

Cheguei em frente ao seu apartamento, coloquei a chave na fechadura, mas não virei. Respirei fundo e toquei a campainha. Ela abriu a porta, sorriu surpresa e me abraçou calorosamente. Fechei os olhos e me perdi em seus braços, queria eternizar aquele momento. Depois Liz me pegou pelas mãos e me puxou pra dentro do apartamento toda tagarelante, dizendo que estava muito preocupada comigo. Queria saber o que tinha acontecido, o porquê de meu repentino sumiço.

- Vim pegar as minhas coisas, não consigo mais, me desculpa – eu disse, já com lágrimas nos olhos.

Confusa, Liz se aproximou bem perto de mim, arrumou minha franja com as pontas dos dedos dizendo:

- Do que está falando *chéri*?

- Eu te amo.

Um passo para trás foi a sua reação e, em seguida, retrucou:

- Eu também te amo.

- Por favor, diga que você está se fazendo de boba?

Outro passo para trás, Liz agora me olhava com uma expressão que eu nunca havia visto em seu rosto. Experimentei o fel nos seus olhos, amargo, denso, repugnante.

- Como? – disse ela, após alguns segundos em silêncio.

- Porque como? Amor é amor.

Liz só me olhava atômica.

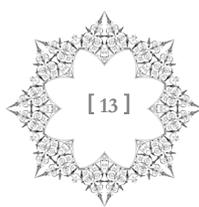
- Por quê? – eu quis saber - Porque sou mulher?

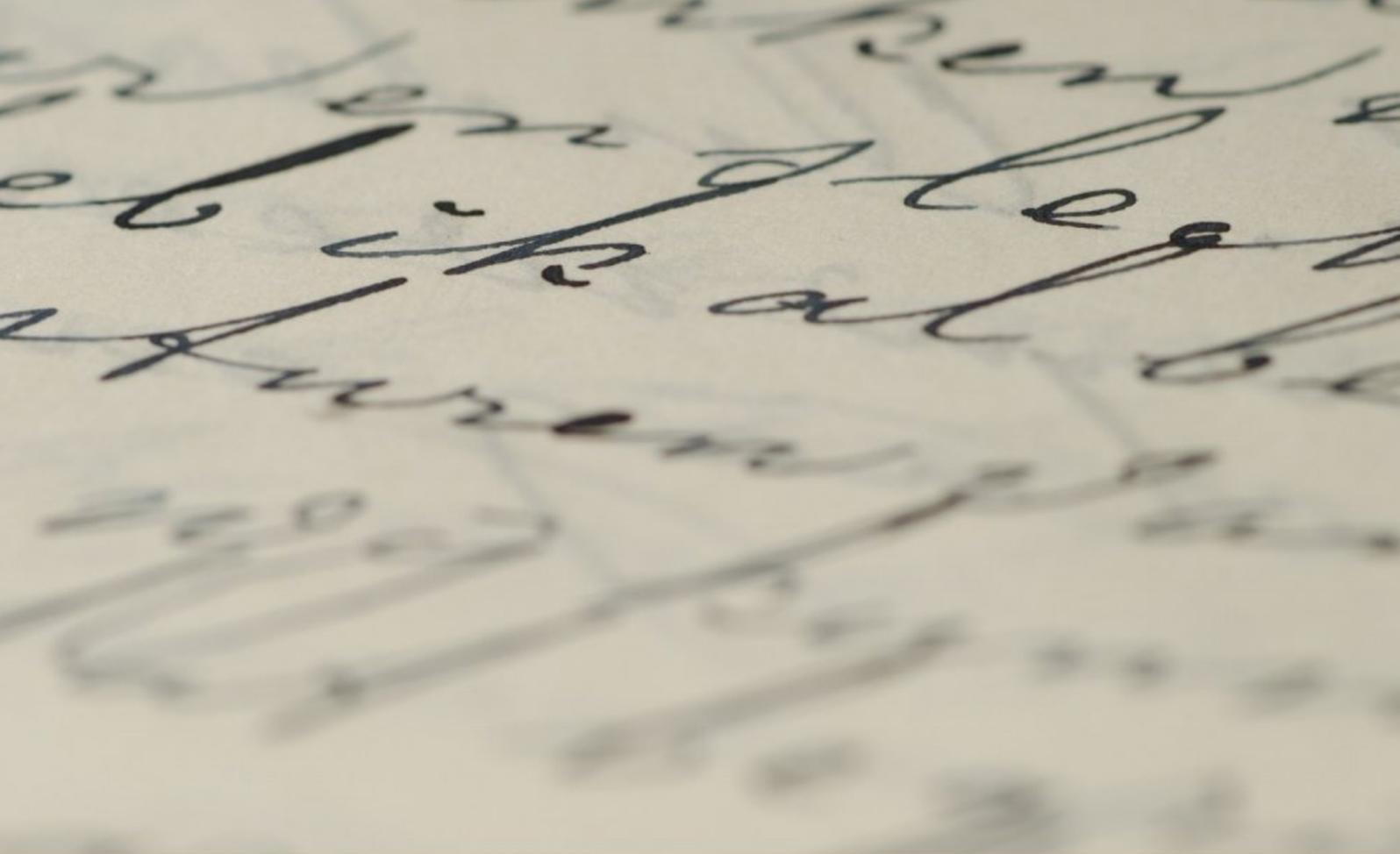
- Sim, claro! Também porque somos amigas e eu nunca havia me ligado a alguém assim, de forma tão forte; eu nem sei o que te dizer, nem sei o que estou sentindo agora - respondeu agitada, nervosa, quase em colapso.

Eu sabia que ela nutria o mesmo sentimento por mim, só que não entendia como. Peguei minhas coisas, enquanto ela ficou sentada no sofá com as mãos cobrindo o rosto; se escondendo de seu sofrimento, ou talvez de mim.

Deixei as chaves sobre a mesa e passei pela porta com raiva de sua pequenez, mas com o coração despedaçado; experimentei muitos sentimentos em um curto momento, sabendo que nunca mais voltaria.

Como uma paulistana nativa, cresci num mundo que os olhos podem ver, o coração pode sentir, a boca pode beijar e os corpos se tocarem desde que a alma conceda. Liz não; tudo era objeto de vergonha, preconceito e castração no seu mundo. Acredito que nossa relação a fez crescer; amadurecer; expandir sua consciência, seus horizontes; repensar suas limitações e valores. Isso, de alguma forma, me conforta, mas jamais em nada diminuiu minha saudade.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O amor eterno é amarelo

Por Clarissa Machado

Clarissa Xavier Machado, professora graduada em Letras e Direito, e pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa. Mediadora de Leitura. Acadêmica Correspondente da Academia Feminina Sul-Mineira de Letras (AFESMIL).

<<sonhos - *déjà vu* - *recuerdos*>>

o mistério
e a magia
têm os olhos amarelos.

**por isso,
cuidado -
muito cuidado:**

às vezes, um conto
acontece quando
menos se espera.

*“... o mundo é outro
se dois se olham...”*



os seus **olhos verdes**
de um momento para o outro
mudaram de cor e ficaram
completamente **amarelos**.

+

os meus **olhos castanhos**
de um momento para o outro
mudaram de cor e ficaram
completamente **amarelos**.



<<telepatia - visões - lembranças>>

o destino
e a sorte
têm os olhos amarelos.

**por isso,
atenção -
máxima atenção:**

às vezes, acontecem
coisas que a gente
não entende.

*“... o mundo é outro
se dois se reconhecem...”*



Quanto tempo dura o **amor verdadeiro**?
Quanto tempo dura o amor verdadeiro?
Quanto tempo dura o amor verdadeiro?

Até a eternidade morrer.
Até a eternidade morrer.
Até a **eternidade** morrer.



<< elo - sintonia - conexão >>

quando a gente fica com os olhos amarelos
(quais são as **chances** da gente saber disso?)
é porque a gente finalmente encontrou
o famoso fio vermelho do destino.

II os olhos são portais - são as janelas da alma II

a pupila dilatando a 45%
dopamina e oxitocina
subindo, e os olhos...

midríase! luz! esplendor!

quando a gente deixa de ficar com os olhos amarelos
(quais são as chances da gente saber disso?)
é porque a gente subitamente se afastou
da nossa **chama gêmea**.

II o amor é mesmo - muito difícil - de explicar II

batimentos cardíacos a 150 por minuto
oxitocina e serotonina
liberadas, e os olhos...

ponto mágico! fascinação hipnótica! estado de esdaile!

nossos olhos podem até perder
o brilho amarelo por um tempo
(quais são as chances **da gente** saber disso?)
porém o amor infinito nunca irá fenecer.

é que o amor eterno
só morre
se a eternidade
morrer.

(óbvio, mas quais são as chances da gente **saber** disso?)

*“... o amor arde como fogo...
as muitas águas não podem apagá-lo
nem os rios podem afogá-lo...”*

atenção!
cuidado!

o mistério
e a magia
têm os olhos amarelos!

+

o destino
e a sorte
têm os olhos amarelos!

“... só o amor é real...”



um amor de verdade
é eterno
e deixa os olhos amarelos.

um amor real
é cósmico
por isso, os olhos amarelos.

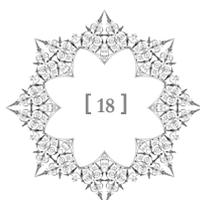


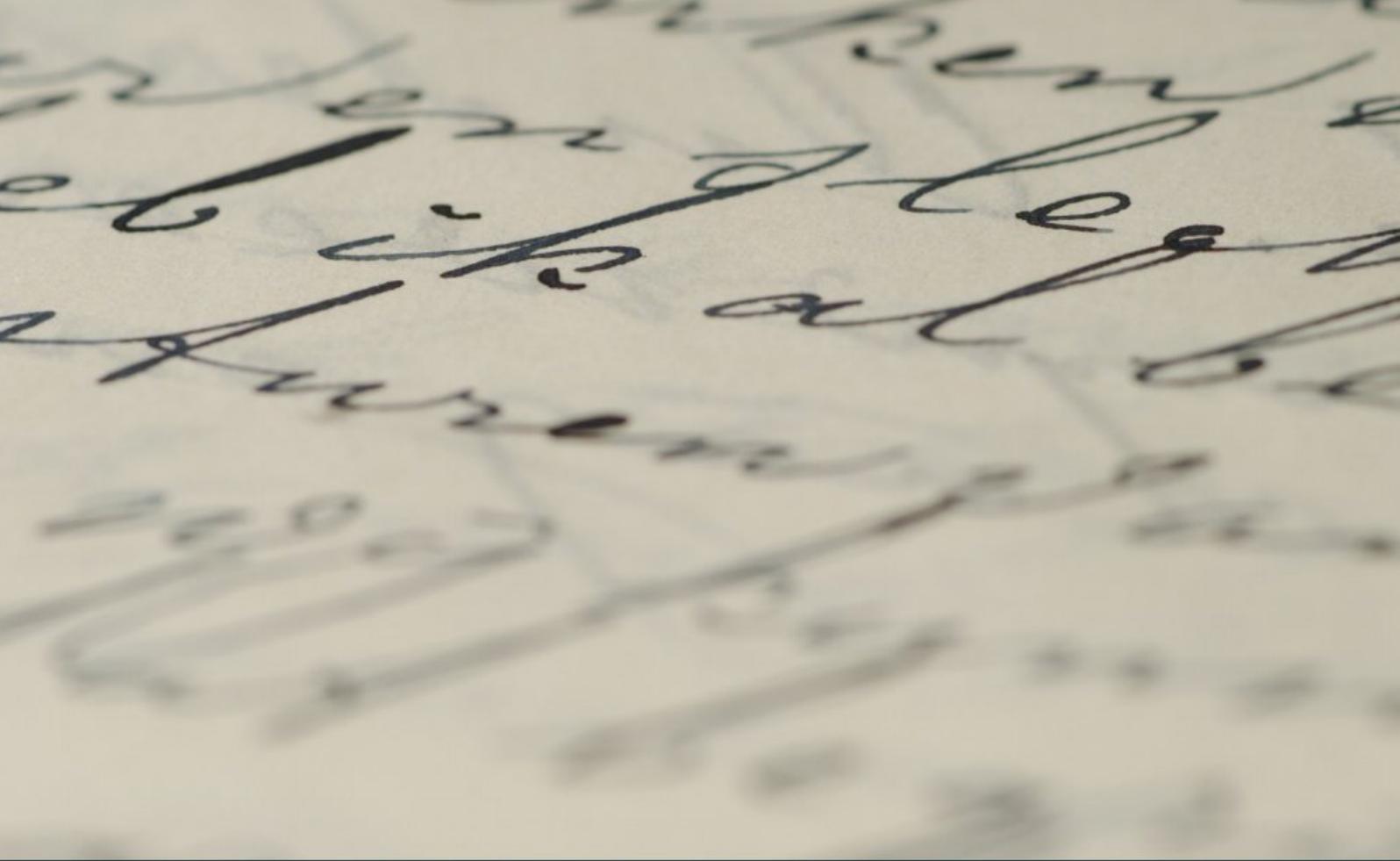
“...eu pronuncio teu nome nas noites escuras...”

o amor eterno
se nota
no olhar.

pois é o amor que guarda nos olhos
o brilho dourado da **glória divina**,
a centelha que ativa a kundalini.

II assim reza - uma antiga lenda - medieval II
(tudo bem, mas quais são as chances da gente saber **disso?**)





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Ode ao amor imortal

Por Débora Guelmann

Débora Guelmann, nascida em Curitiba-PR, reside no RJ desde pequena.

Graduada em Letras (Português-Francês) pela PUC-RJ e em Literatura Francesa pela École Suisse Prealpina.

Sempre foi uma leitora voraz, com interesse em romances e histórias de vida.

Atualmente, se aventura na escrita, marcando presença em diversas coletâneas poéticas.

Ó amor sublime, fonte de toda beleza, teus lábios, quais harpas divinas, entoam melodias em fios dourados, entrelaçados.

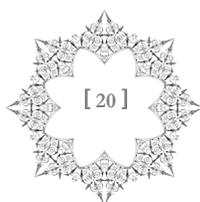
Teus cabelos descem como lírios ao orvalho, gotejantes em graça e esplendor.

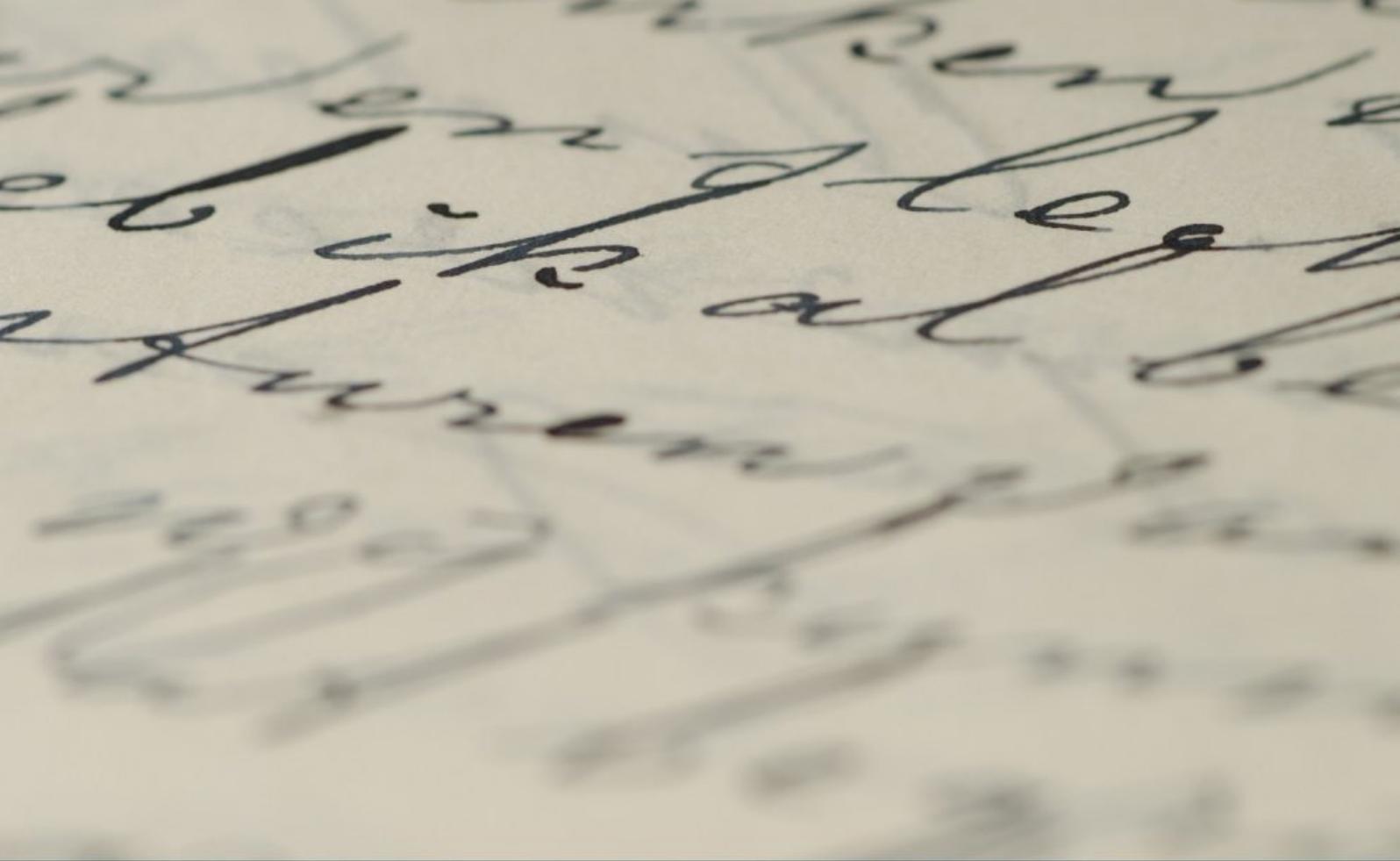
Ó amada, de voz tão doce e melodiosa, és tu que, ao falar, tornas o ar leve, como o canto do rouxinol nas alvoradas. Toda formosura em ti se faz viva, toda pureza dos jardins onde dançam fadas.

Ó amor inabalável, intocável ao vento, nem do Norte, nem do Sul te abalam as flores e aromas que de ti emanam. Nem águas podem apagar essa chama, nem rios extinguir a vastidão deste afeto.

Ó, imortal é minha alma por ti.

Em meu peito repousa, doce e frágil, um perfume de amor eterno, pois és tu, meu amor, o ápice da paixão.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Ah... o AMOR

Por Djany de Carvalho

Uma mulher tímida, determinada, que segue descobrindo a vida e construindo seu caminho. Ama viajar; contar e ouvir histórias; estar com a família. Como profissional, realiza-se como professora. É uma eterna sonhadora: acredita que a vida sempre pode melhorar, e de forma coletiva. Talvez por isso nunca pensa apenas em si. Tornou-se mãe do Victor Gabriel, o presente que coloriu, significativamente, seu viver!

Há quem ande pelo mundo semeando
Há quem viva somente para ele.
Há quem diga que não precisa de um
E talvez por isso o rejeite.

Ah... o AMOR!

Assim, em letras garrafais,
Se apresenta em diferentes cores
Com diferenciados sabores,
Entre lençóis, produz intensos ardores.

Entre amigos, permeia a cumplicidade;
Entre irmãos, desperta a fraternidade;
Entre pais é sinônimo de presteza;
Nas mães, exala a pureza.

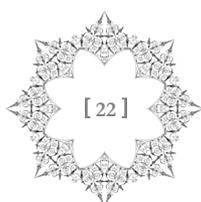
Entre desconhecidos, promove a solidariedade,
Arbitrária, aleatória ou por piedade
Quando realizado por vocação
É sinônimo de doação.

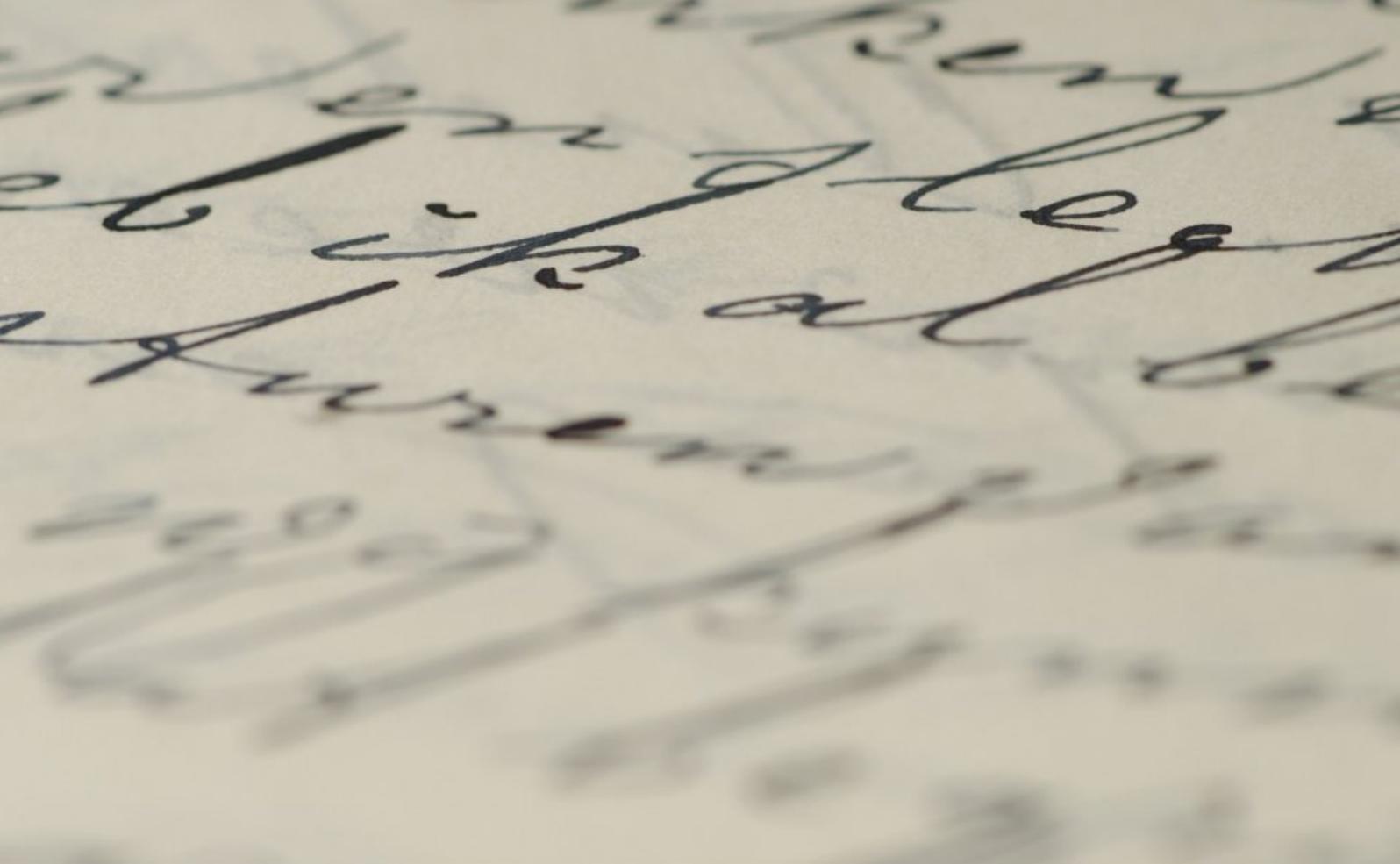
Há quem caminhe sem nunca o encontrar
Há quem vagueie sem rumo achar.
Mas quem por ele tocado está
É sempre sinônimo de bem-estar.
Embora controverso
Zanza entre a alegria e a dor;
É também acalentador,
E, deveras, acolhedor.

Quem ama não mata,
Não dizima,
Não massacra.
Não difama,
Não ataca,
Pois quem ama não mata!

Rejeitado ou abraçado
Independente da faceta
Com euforia ou desânimo
Do que o mundo precisa?
É dele!

Ah, o AMOR!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O amor nasce das rosas

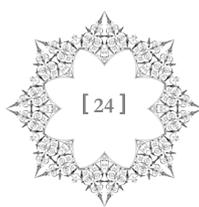
Por Francisco Jocely Oliveira dos Santos

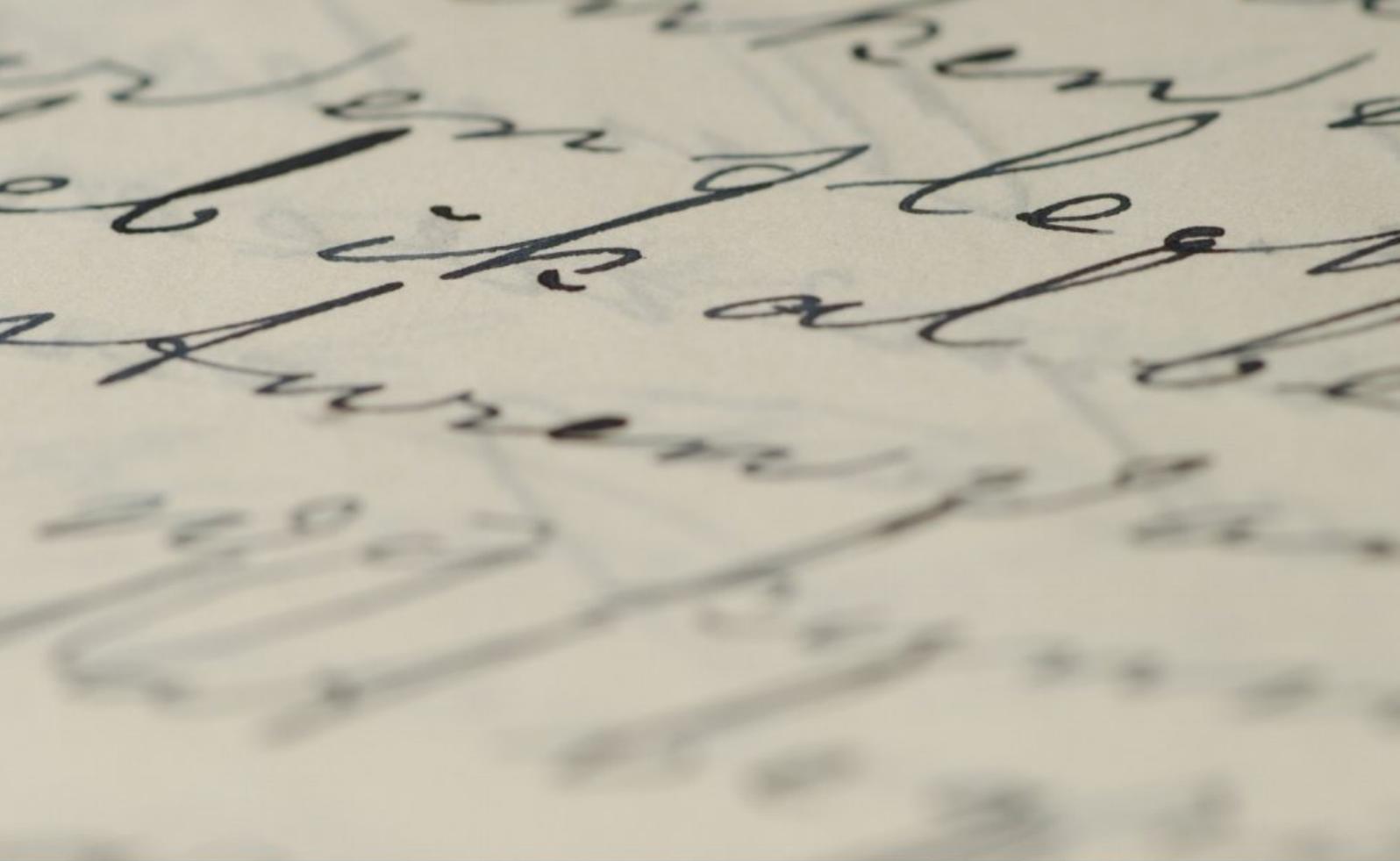
Nasci em Fordlândia, Tapajós. Atualmente moro na cidade de Breves, Ilha do Marajó. Escrevo poemas desde os 11 anos e minha grande vontade é publicar meus livros, pois, escrevo conteúdos de diversos temas literários. Pretendo há muito tempo ingressar neste campo profissional.

Dizem que o amor não emana das rosas
E que no sentimento pode haver espinhos
Que uma súbita paixão não é tão formosa;
Com poemas, flores e carinhos.

Dizem que um grande amor não acontece
Que não existe no mundo o amor perfeito
Mas em mim um sentimento floresce
É o amor brotando em meu peito.

Os aromas das rosas exalam pelo vento
Perfumando a paixão com a candura da flor
Pois, em cada puro e fértil sentimento.
Brota pétalas brilhantes do amor
Os românticos usam como rituais as flores
Contemplando as paixões gloriosas
Poetas escrevem versos imortais de amores
Poemas dizem que o amor nasce das rosas.
Cultive o sentimento puro e verdadeiro
Para esse amor nunca mais ter fim
E de cada ser, o coração é um canteiro
Que o amor floresce feito um jardim
Mande ao seu amor um buquê de flores belas
Escreva-lhe frases de amor preciosas
Recite lindas poesias da sua janela
Falando de um romance com amor e rosas





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Rosas do silêncio

Por Francisco Jocely Oliveira dos Santos

Nasci em Fordlândia, Tapajós. Atualmente moro na cidade de Breves, Ilha do Marajó. Escrevo poemas desde os 11 anos e minha grande vontade é publicar meus livros, pois, escrevo conteúdos de diversos temas literários. Pretendo há muito tempo ingressar neste campo profissional.

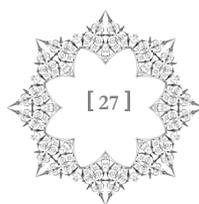
Choro pela rosa que não brotou no chão
Pelos filhos do hemisfério sul
Pelos megatons que quase destruiu o Japão
Pelo sol desse oriente azul
Choro pela fome que se alastra, como epidemia
Contaminando todos os continentes
Pela artéria que expele essa hemorragia
Que jorra o sangue de inocentes
Choro pela guerra que provoca genocídio
Pelos que partiram e não voltaram
Pela insensatez dos que cometem fratricídio
Pelos pais que não choraram
Sou o choro de quem não chora
A benção do filho que vai embora
O amigo que estende a mão, a qualquer hora
O grito oprimido que não se propala
Eu sou a voz de quem se cala

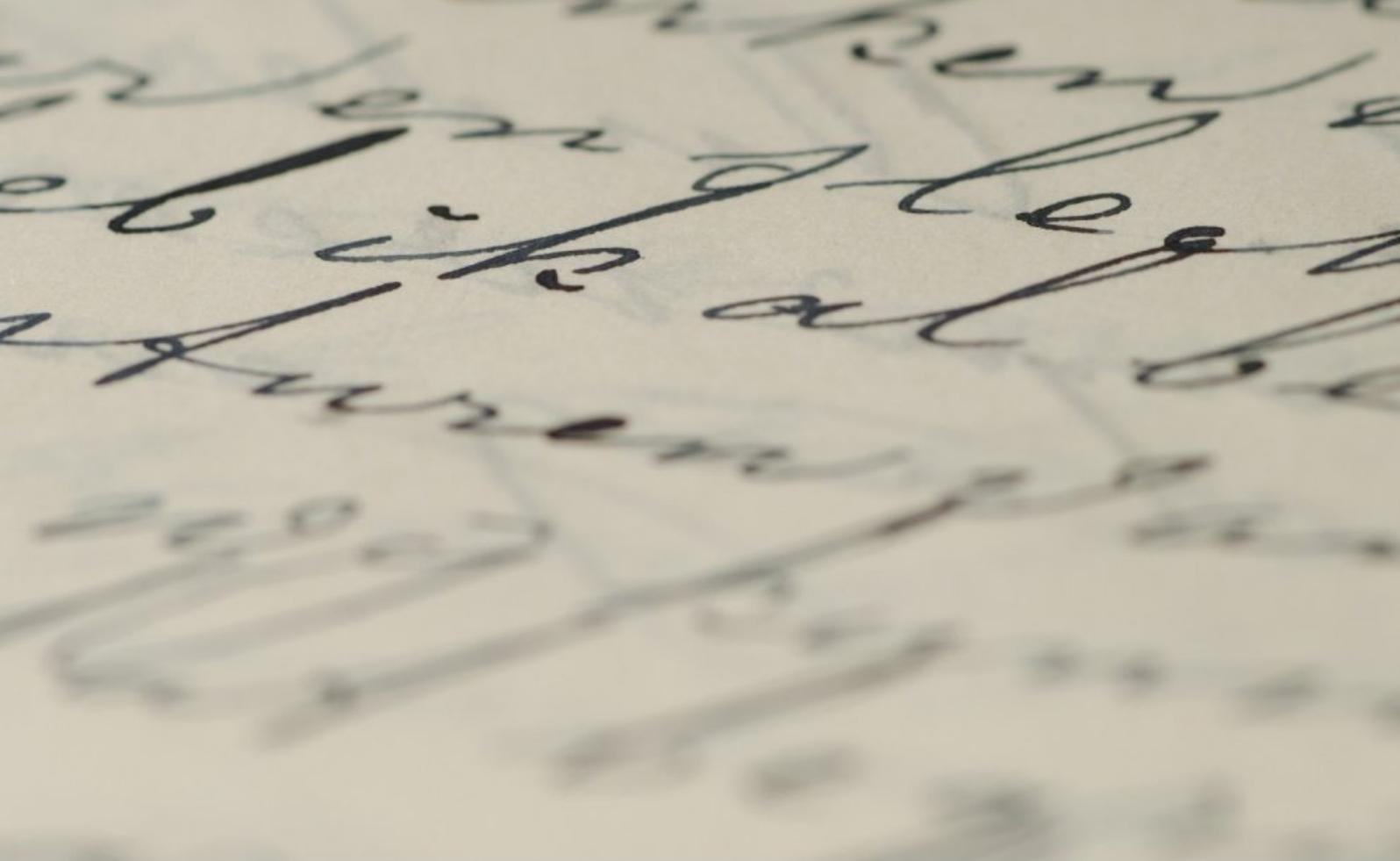
Choro pelos deficientes, em qualquer situação
Imploro para termos consciência
Pela falta de respeito ao cidadão
Que do homem, é a sua maior deficiência
Choro pela raça indígena, quase em extinção
Pela falta de honra e grandeza
Pelos filhos que não tem o pão
Pelos que extirpam a flor da natureza
Choro pelos pobres que pedem esmola
Que não tiveram uma infância feliz
Por algumas nações: Somália, Etiópia, Angola
Pela América, pelo meu país.

Sou o choro aflito desses homens
Sou a identidade dos sem nomes
Sou o pão de quem tem fome
A paz dos palmares, das senzalas
Eu sou a voz de quem se cala

Choro pelas dores, pelas ruínas
Que a discórdia propaga pela terra
Por Nagasaki e Hiroshima
Invejo esse Japão-pós-guerra
Choro pelas rosas do silêncio aflito
Pela aridez que não brota amor
Pela humanidade em conflito
Pelo solo que não germina flor
Choro por aquele que padece
Que clama ajudas celestiais
Rezo pelos que não fazem prece
Pela rosa, sinônimo utópico da paz

Sou a crença dos profanos
A fé dos ateístas tão insanos
O dogma herético dos humanos
Sou a rosa em pétala que exala
Eu sou a voz de quem se cala.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

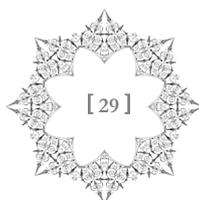
Semeadura (a mão do homem)

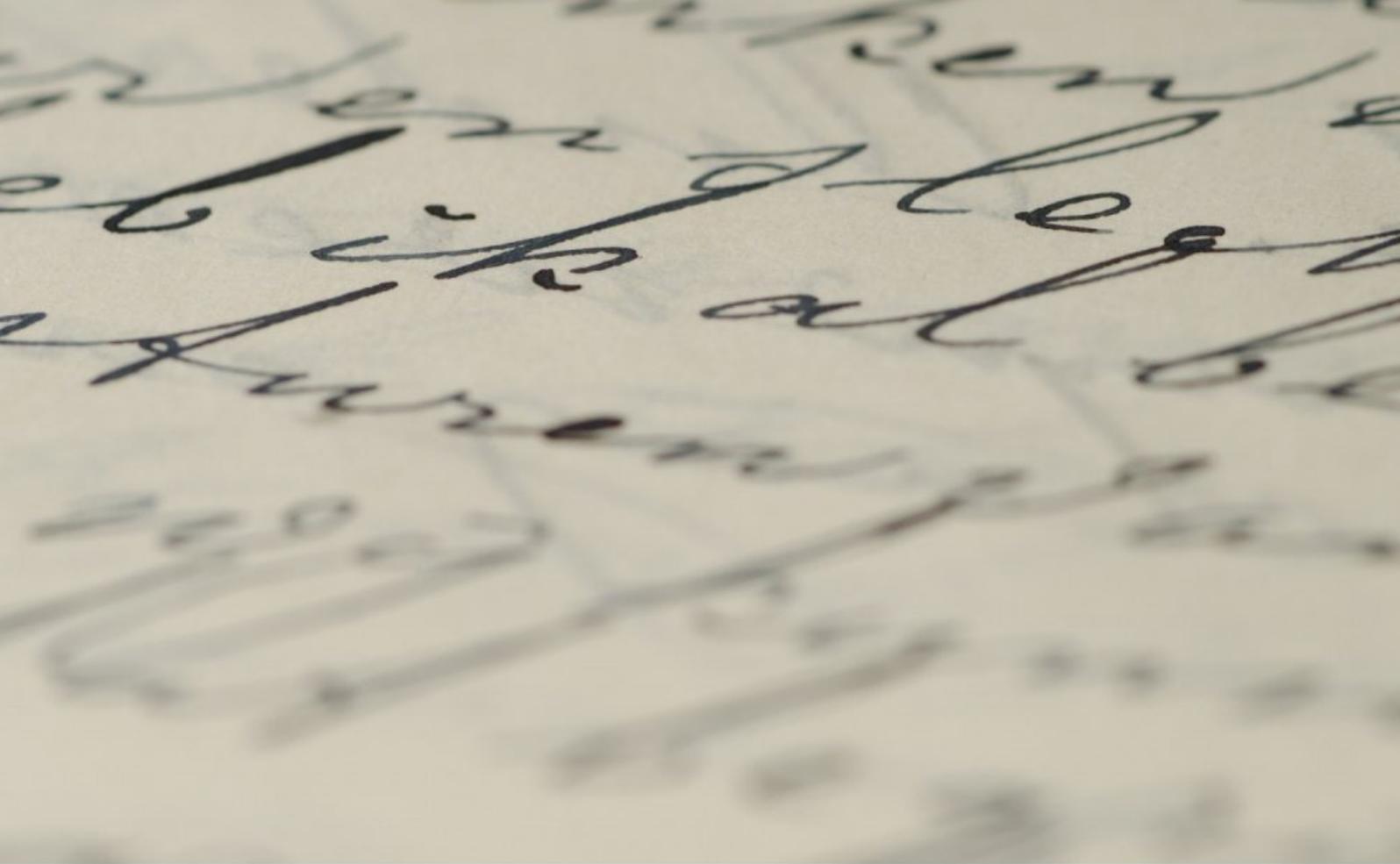
Por Francisco Jocely Oliveira dos Santos

Nasci em Fordlândia, Tapajós. Atualmente moro na cidade de Breves, Ilha do Marajó. Escrevo poemas desde os 11 anos e minha grande vontade é publicar meus livros, pois, escrevo conteúdos de diversos temas literários. Pretendo há muito tempo ingressar neste campo profissional.

Que a mão do homem seja sativa
Espalhando em solo que à terra permeia
E repasse ao outro ser que cultiva
E se transfira à geração que semeia
Que seja polispérmico o coração humano
Provido de muita paz e esperança
Que não cometas crime, nem engano
Com as mãos que ceifam semente e lança

Que a mão do homem seja produtiva
E semeie sonhos nos solos férteis do mundo
E floresça o amor, o qual nos motiva
O que o seu coração germine o estame profundo
E seja policarpo o seu sentimento
Que pelos vendavais, jamais seja dissipável
E enraíze, enverdeça e torne suculento
Para saciar a fome do ser incontentável
Que a mão do homem possa gerar
E na semeadura utilizar a sega como sua ciência
E frutificada, possa finalmente migrar
De cada ancestre à sua descendência
Que a mão do homem seja um arado
E o grão da esperança seja semeável
Que em cada ser humano, seja fecundado
E a avidez de cada ser, torne-se saciável
Que a paz brote em cada solo continental
E a mão humana tenha eficácia em sua segadura
Ceifando em cada coração semental
E que o amor seja “estrume” na eterna semeadura





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Viver e não amar

Por Francisco Jocely Oliveira dos Santos

Nasci em Fordlândia, Tapajós. Atualmente moro na cidade de Breves, Ilha do Marajó. Escrevo poemas desde os 11 anos e minha grande vontade é publicar meus livros, pois, escrevo conteúdos de diversos temas literários. Pretendo há muito tempo ingressar neste campo profissional.

Viver e não amar

É violar todo o sagrado, sentimento

É não santificar o corpo humano

Viver e não amar

É um barco ao mar sem vela e movimento

Que não navega no oceano

Quem não tem a arte de amar

Desconhece o coração sentimental

Não percebe o que é o amor

Não a tina o imaculado encanto passional

Quem não tem o dom de amar não viverá esta sina

Viver e não amar

É não acreditar no amanhã

É desesperar num imenso precipício

Viver e não amar

É macular o puro sentimento

É viver a vida em pleno suplício.

Viver e não amar

É pecado sem direito do perdão

É o caminho onde não há início

Viver e não amar

É não desvendar o enigma dos sentimentos

É caminhar sem fim pro sacrifício.

Viver e não amar

É neutralizar todo o sentimento

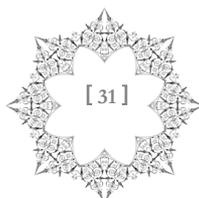
É ter esse sentido amortecido

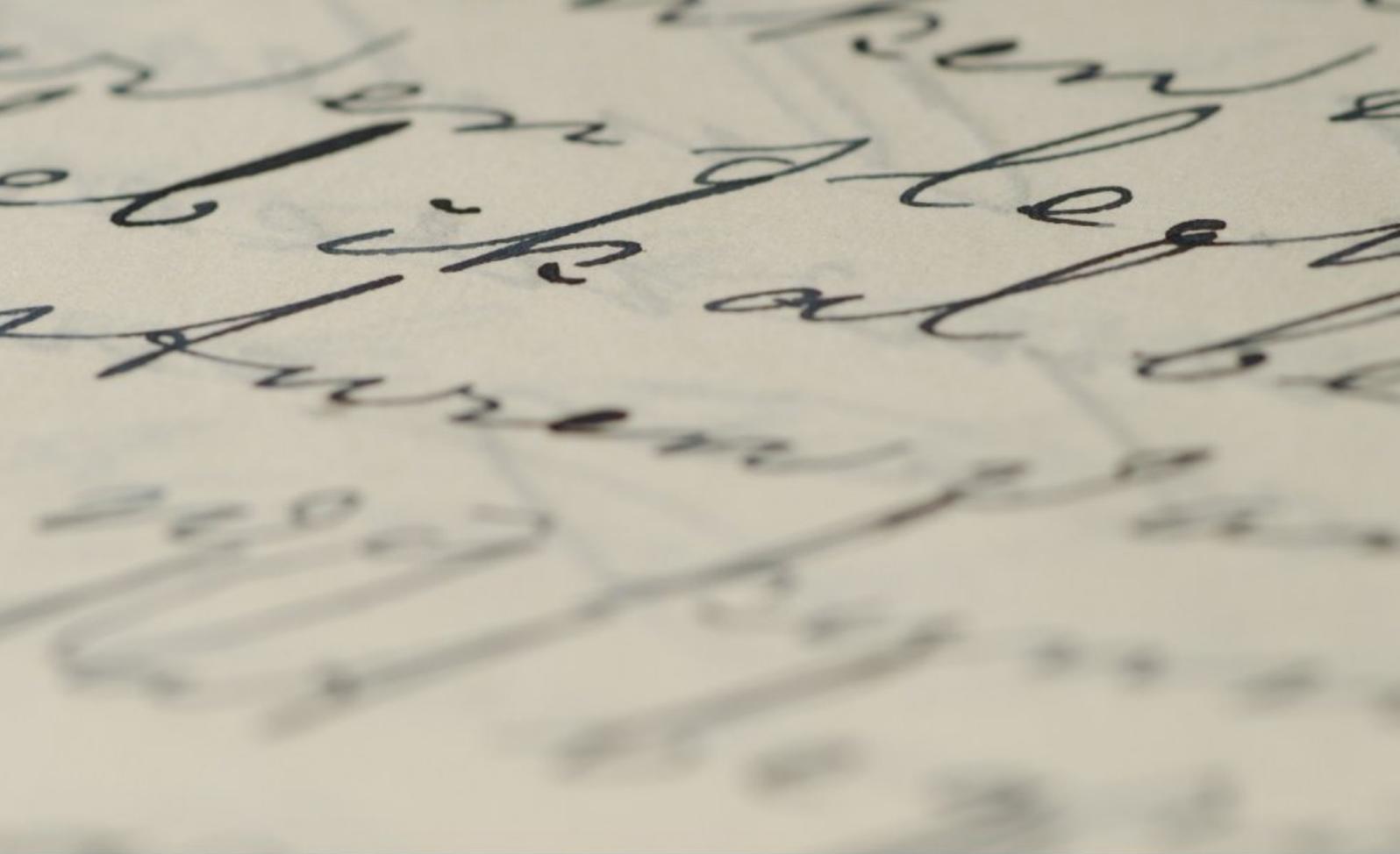
É suprimir o corpo e a alma

É ter o coração desalmado e suprimido

Quem ama, não profana o sentimento imaculado

E pelos rituais do coração, torna-se esse amor sacramentado





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A arte do poema

Por Francisco Jocely Oliveira dos Santos

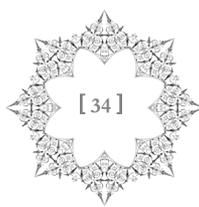
Nasci em Fordlândia, Tapajós. Atualmente moro na cidade de Breves, Ilha do Marajó. Escrevo poemas desde os 11 anos e minha grande vontade é publicar meus livros, pois, escrevo conteúdos de diversos temas literários. Pretendo há muito tempo ingressar neste campo profissional.

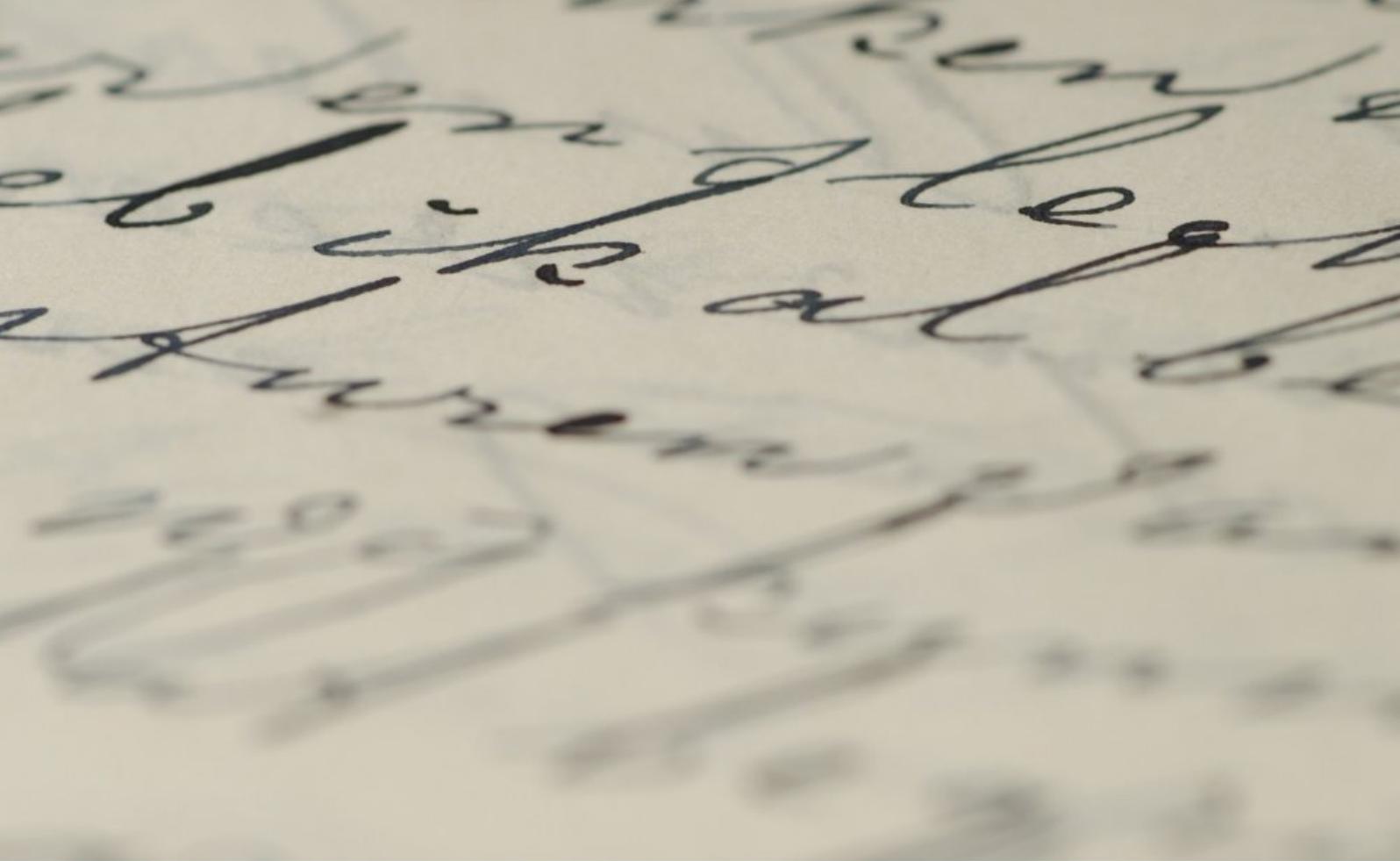
A natureza viva de um poema
Num enredo que a mente fantasia
Na criação, na arte do poeta
No estado fugaz da poesia
Nos devaneios que nos extasia
De onde flui instigantes sensações
Nas aventuras de um poema
O fantasioso tema, aflora súbitas paixões

Na prosa ou no verso do poema
Na ênfase, a ideia se figura
No drama, no conto ou no romance
A linguagem se personaliza em formosura
Sendo um Dom Quixote sonhador
Idealizando a sua princesa fiel
Ou então, no épico de Dante
Na comédia alucinante, onde paira o inferno e o céu
Toda arte do poema na linguagem estilosa
No cultismo traduzir a poesia preciosa
Que traduz: que o amor está para rosa
Como a poesia está para prosa
O lirismo do poema nos deslumbra
Como o herói, radiante e indomável
O intrépido Pe rí, o guerreiro invencível
Com o ímpeto selvagem, ardil e amável
Mas quem ama pode sentir no ar, das
Flores, o seu suave aroma
Na prosa que nos seduz, que em síntese
Traduz que, o amor é o precioso idioma

Um menestrel dedilhando a sua lira
Exprimindo os sentimentos nos cânticos
Um trovador com singeleza poética
Na lírica dos idílicos românticos
Como na prosa da doce Iracema
O encanto virginal da natureza
A rosa, o puro sentimento
O verso, alumbra o pensamento, e tudo é poesia e beleza
Toda arte do poema na linguagem estilosa
No cultismo traduzir a poesia preciosa
Que traduz: que o amor está para rosa
Como a poesia está para prosa
Quem leu a um poema de Cervantes
O qual descrevera a alma feminina
Com metáforas raras e brilhantes
Na poesia de áurea cristalina
E para a quem devaneia amar
O sentimento floresce em toda parte
É o amor que, se adiciona à rosa
O verso junta-se à prosa e tudo se configura arte

Toda arte do poema na linguagem estilosa
No cultismo traduzir a poesia preciosa
Que traduz: Que o amor está para rosa
Como a poesia está para prosa.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Carbono merecedor

Por Izzy

Isabelle Leandro é apenas uma jovem de vinte e um anos com poucas experiências boas em sua vida. Criada em um lar cristão, a menina não conseguiu seguir os passos dos familiares devido a falta de vontade de querer comunicar os outros sobre o que aprendia em casa com a avó. Cujas existências não são uma das mais saudáveis na vida da garota.

Atualmente, ela trabalha em um escritório que oferece soluções personalizadas e completas de Gestão de Ponto de Venda, enquanto escreve algumas coisas nas horas vagas para não perder a cabeça.

Agora, já posso dizer que eu,
que a Bia,
que nós,
merecemos os seus sentimentos.

A Bia que tem complexo de inferioridade,
que já achou ser gênero fluído,
que tem depressão,
e com sua bela ansiedade generalizada.
Sendo uma assexual,
e que, raramente, consegue se livrar dos pensamentos bíblicos que colocaram em sua
cabecinha [...]

A Bia que, por autopreservação,
exclui, constantemente, as suas memórias.
No entanto, agora, posso dizer que eu,
que a Bia,
que nós,
merecemos os seus sentimentos.

Mas, por favor,
não deixe que o meu comportamento ruim,
que o meu rancor,
que este mero arlequim,
cujo a autopreservação negativa a faz ter um fascínio por escapatórias
e entusiasmo pela arte do isolamento [...]
céus, por favor.

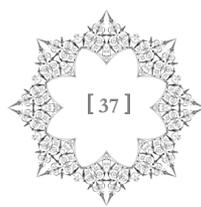
Por favor,
para o silêncio dado como resposta,
a sinceridade sendo exposta,
e a exorbitante honestidade,

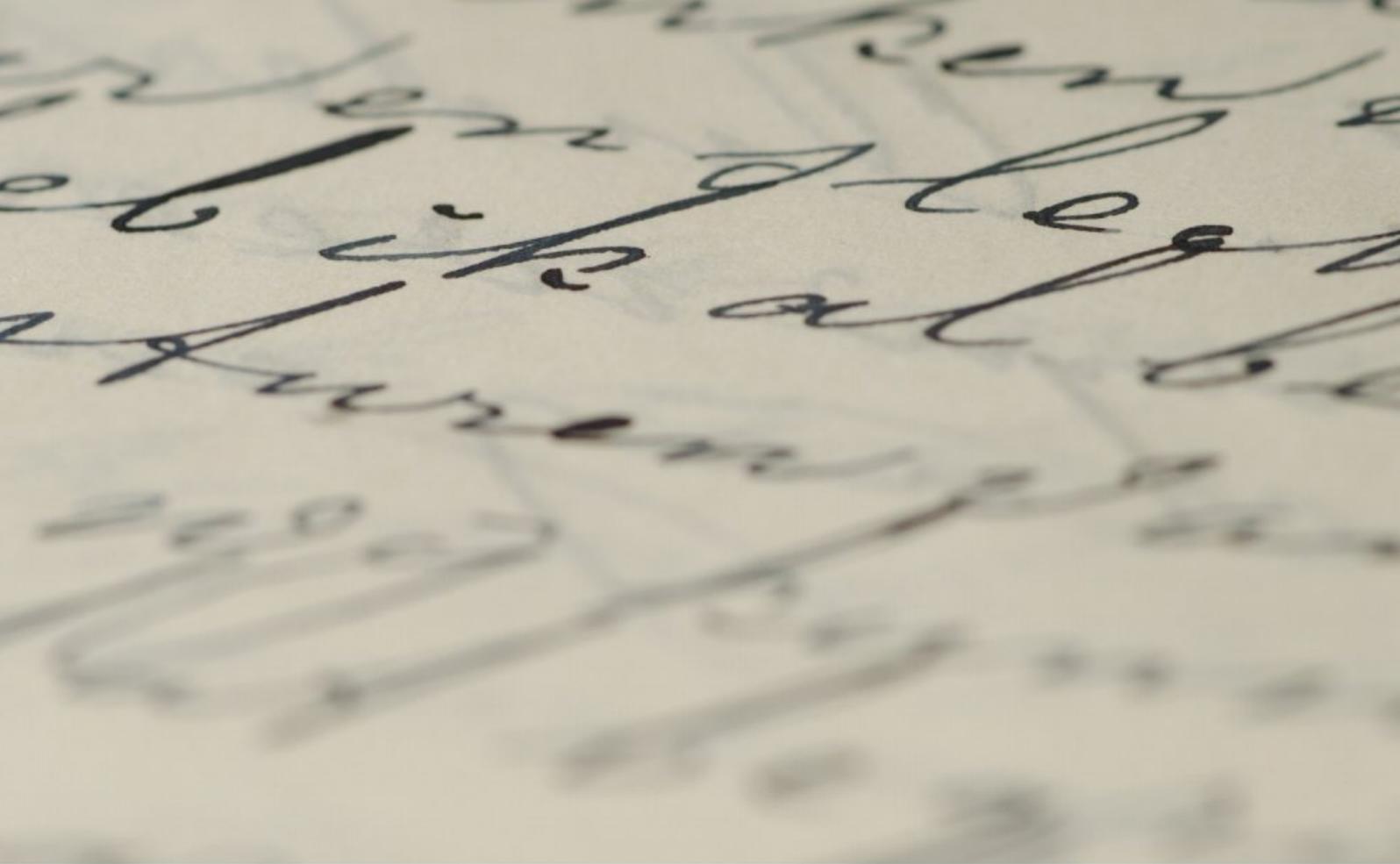
por favor,
prometa-me que nada disso será passivo de punição.

É verdade que, para cada erro realizado da minha parte,
nem dez tapas seriam o suficiente
mas, você poderia conceituar isso tudo como arte?
Porque eu sou hipossuficiente.

Em poucos meses, vai faz um ano que nos conhecemos
e hoje fazemos bordas de algodão-doce.
Então, eu quero que você tenha o entendimento,
que você tenha o conhecimento,
de que eu sou um carbono.
Uma matéria capaz de originar significados distintos.

Eu sou um carbono,
um grafite decorado com ondas douradas,
merecedora de todos os seus sentimentos.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O silêncio confortável

Por Joanna Pinto da Fonseca

Joanna Pinto, engenheira formada, hoje aposentada por incapacidade permanente, busca nas artes e na escrita o seu despertar.

Hoje cursa sua quarta especialização, desta vez em letras e publica contos e resenhas na revista periódica da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Deitados na cama, sentiam-se confortáveis no silêncio que ocupava o quarto do casal. Anos se passaram e haviam dito tanto, dividido tanto, que talvez não houvesse mais nada a dizer.

E hoje o silêncio podia fazer parte da relação sem que sentissem o desconforto.

Mariana suspirou profundamente, na última semana as dores no peito tinham voltado e uma tosse persistente começara, mas tinha decidido que não iria piorar e a vida continua.

Caio estava preocupado, mas evitou a briga com a esposa e só virou para seu lado como para mostrar que estava ali.

Ela o abraçou, tudo no silêncio confortável.

Mariana se acalmou, mas a tosse veio e ela não conseguiu segurar, tossia tão forte que o corpo tremia, o lençol se encheu de sangue e os olhos de Mariana de uma apreensão.

O que ela fazia agora, o que haveria a fazer? Um médico nesse momento não resolveria, ela não via opções.

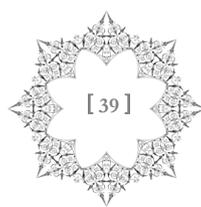
Iria virar e dormir, isso não seria discutido com Caio, ele não a entenderia, só estava cansada.

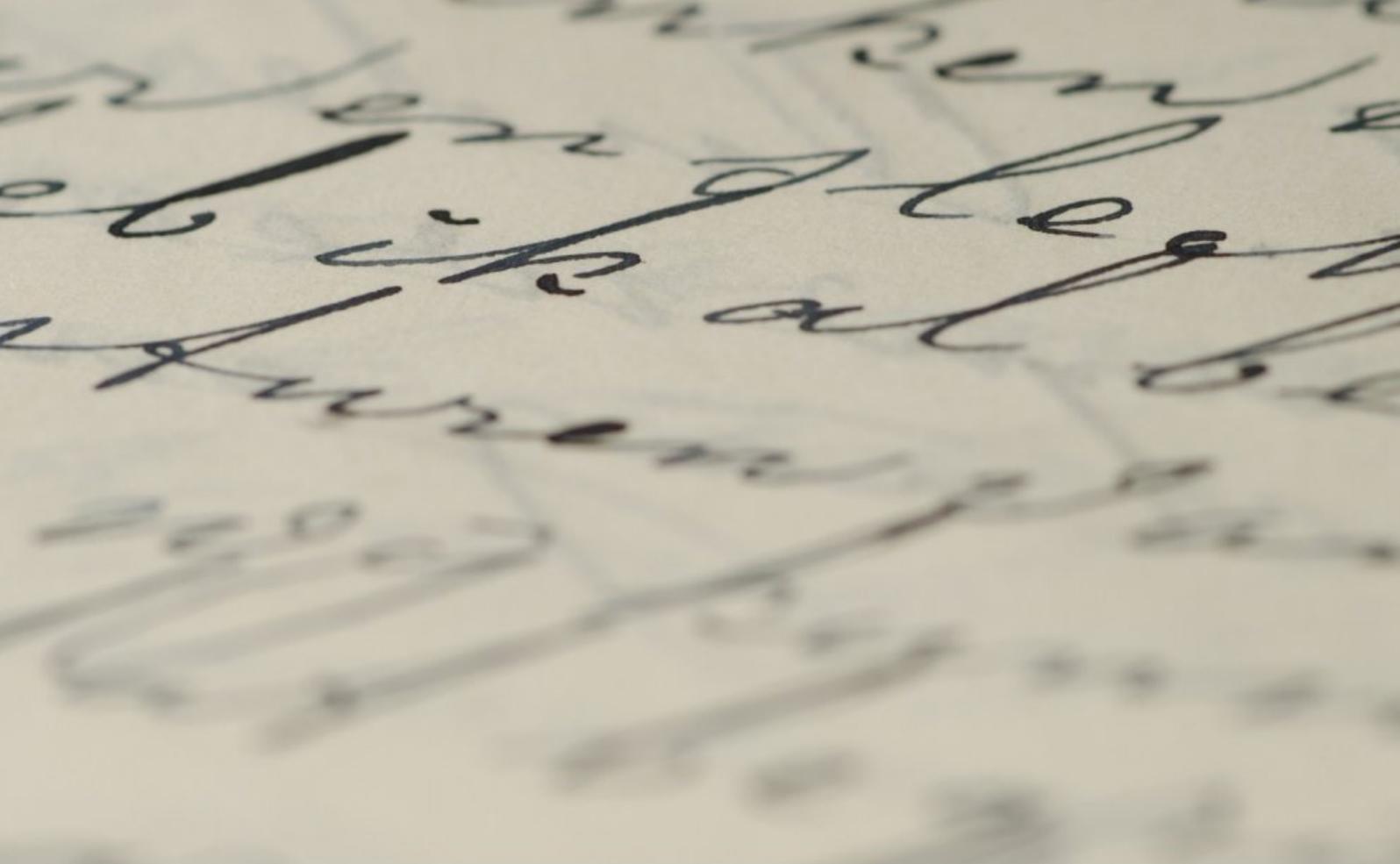
As dores se tornaram mais fortes, a tosse espalhou uma nova borrifada de sangue, foi ao banheiro tomar um banho quente, quem sabe aliviaria.

Ao voltar ele havia trocado os lençóis e a esperava para deitarem novamente no silêncio que dividiam.

O primeiro a pegar no sono foi ele, não percebeu quando ela se recostou no seu peito para adormecer.

Ao acordar ele sentiu o peso da cabeça dela e lhe deu um beijo nos cabelos, mas ela não reagiu, ele a segurou pelos braços delicadamente, a levantou de seu corpo e então percebeu, havia acontecido, o momento que esperavam e não conversavam havia chegado, agora então haveria silêncio para sempre, agora também haveria amor para sempre.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Conversa das gavetas

Por Juliano Amaral Nogueira

Juliano é bancário, bacharel em Ciências Contábeis, mineiro da cidade de Aiuruoca e gosta de escrever contos, crônicas e poesias nas horas vagas. Tem paixão pelo escritor William Blake e gosta muito de trilogias em estilo fantasia e realismo fantástico.

Na década de 70, quando o papel de presente era tão precioso quanto o que embrulhava, existia um hábito encantador que demonstrava o zelo com o lar: cobrir as gavetas e prateleiras com ele, ou com o papel machê, era um verdadeiro ritual de cuidado. As mães, tias e avós, com uma paciência que parecia pertencer a outro tempo, recortavam cuidadosamente as folhas coloridas. Era um momento de transformar o comum em extraordinário, de encher os espaços com beleza, mesmo onde só os olhos da casa alcançavam.

As gavetas, que guardavam segredos e histórias, recebiam uma espécie de roupa nova. De tempos em tempos, o papel amarelecia, sinalizando que era hora de trocá-lo. Então, lá ia a dona da casa, com a destreza de uma artesã, escolher um novo padrão. Corações, flores, listras ou até personagens de desenhos animados – cada um desses recortes carregava consigo a intenção de cuidado, um gesto de carinho que parecia dizer: “Aqui se vive, aqui se ama, aqui se cuida”.

O ato de forrar gavetas era mais do que estética, era uma espécie de proteção, uma forma de manter o que se tinha intacto. Afinal, em tempos de escassez, as coisas precisavam durar. Mas havia também uma alegria sutil em transformar o que ninguém veria. Era uma celebração silenciosa do simples, da beleza nas pequenas coisas. Um testemunho de que, mesmo dentro das gavetas, longe dos olhares, merecíamos o cuidado.

Hoje, quando abrir uma gaveta parece um gesto banal, lembro-me da minha mãe esticando o papel nas prateleiras. Havia ali uma reverência ao espaço, ao lar. A geração de 70 vivia o lar com uma intensidade que poucos entendem hoje. E não era só o papel de presente ou machê que cobria as gavetas. Era a certeza de que, nos mínimos detalhes, se construía um mundo seguro, bonito e duradouro.

Esses cuidados, ainda que simples, falam de uma época em que o lar era o centro de tudo, onde cada gesto carregava uma intenção e uma história.

E eis uma história íntima, cheia de detalhes...

Lá embaixo, no silêncio do guarda-roupa, as gavetas conversavam entre si, compartilhando suas observações sobre os hábitos do dono. Cobertas com papéis de presente, cada uma trazia estampas que refletiam um tempo e um cuidado, e era entre o ranger da madeira e o farfalhar do papel que surgiam suas conversas.

A gaveta de cima, com seu papel coberto de flores miúdas, soltou um suspiro assim que foi fechada com força. “Hoje ele não está bem”, comentou, ainda sentindo o impacto da batida.

“Eu percebi também”, respondeu a gaveta de baixo, forrada com listras coloridas. “Reparou em como ele dobrou a camisa hoje? Normalmente ele alisa com tanto cuidado, mas dessa vez foi tudo amassado, de qualquer jeito. Alguma coisa está errada.”

As gavetas sabiam muito bem como os sentimentos do dono se manifestavam em seus gestos. Quando ele estava calmo, a gaveta superior sentia suas mãos deslizando suavemente pelas roupas dobradas, como se ele cuidasse de cada peça com carinho. Mas nos dias de pressa, ou de raiva contida, o movimento era brusco, como se as roupas e o papel ali dentro fossem obstáculos a serem superados.

“Ele quase nunca me bate assim”, disse a gaveta do meio, com um tom preocupado. “E também andou deixando umas peças mofarem por aqui. Sabe quando ele pega aquela blusa velha e fica olhando, sem levar ao sol? Eu sinto que ele está preso a essas memórias, algo está pesando nele.”

A gaveta de baixo, que guardava as roupas mais antigas e usadas, soltou um lamento. “Essas roupas mofadas contam histórias, não é? Ele as guarda como se não quisesse esquecer, mas nunca as usa. E sempre que abre a porta e me olha, parece que vai tomar uma decisão, mas desiste. Hoje, finalmente, ele pegou algumas pra levar pro sol.”

“Isso é bom, não?”, respondeu a gaveta do meio. “Talvez ele esteja começando a soltar as amarras. Quando ele cuida das roupas velhas, é como se cuidasse de si.”

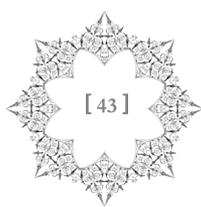
“Talvez”, respondeu a gaveta de baixo, hesitante. “Mas ainda há muita tristeza ali. Eu vejo nos movimentos, nas batidas... Hoje, ele estava com raiva, mas ao mesmo tempo, parecia decidido. Acho que algo está mudando.”

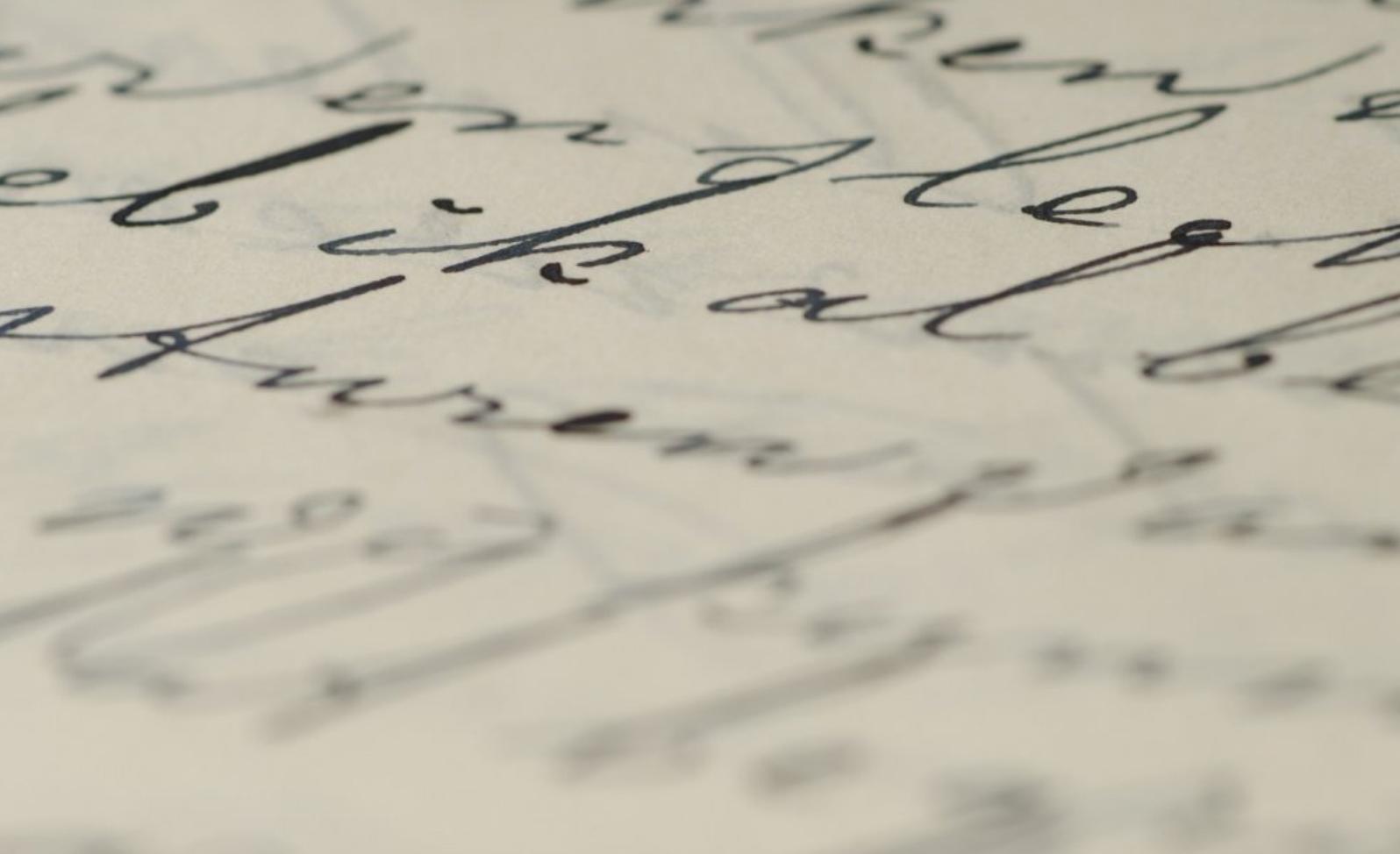
As gavetas, sempre atentas aos detalhes, sabiam que o dono revelava seus sentimentos em cada gesto. Uma batida mais forte era uma raiva engolida; o abandono de uma peça por semanas, um desânimo que teimava em se instalar. Mas o simples ato de levar as roupas ao sol, mesmo que tarde, era um sinal de que algo ainda pulsava dentro dele.

“Você acha que ele está melhorando?”, perguntou a gaveta de flores, a mais velha e desgastada.

“Eu acho que ele está tentando”, respondeu a de listras. “E às vezes, isso é o bastante. Afinal, nós estamos aqui, suportando seus pesos e suas alegrias, como sempre.”

E, naquele canto silencioso, as gavetas ficaram quietas por um momento, ouvindo o leve ranger da madeira e esperando pela próxima vez que o dono voltasse a mexer nas suas memórias, nas suas roupas, nas suas dores. Porque sabiam que, de um jeito ou de outro, cada vez que ele abria aquelas gavetas, estava tentando lidar com seus próprios sentimentos.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Para falar de amor

Por Lívia Abrahão

Lívia Abrahão nasceu no Rio de Janeiro em 2006, mas logo se mudou para a Bahia, onde se apaixonou por escrita e literatura. É graduanda em letras português e literaturas na UERJ e possui dois contos já publicados.

Quem sabe em muito tempo, quando o mundo for ruína e esse quarto não mais existir, encontrarão enterradas nossas cartas de amor apaixonadas?

Se eu pudesse parar o tempo bem agora, e nunca te deixar partir...

Dos momentos que passamos juntos, lembro-os com tanta doçura, meu corpo se aquece.

O dia em que chorei de amor: meu austero pai chegava de uma reunião da construtora. Sabia que se ouvisse meus choramingos ruidosos seria impiedoso. Em anos de convivência desarmônica, sentou-se ao meu lado, enfim, e me afagou a cabeça. Papai reconhecia aquele tipo de choro, um clamor do coração. Então, pôs-se a lacrimejar também e me contou que também amara. A moça em questão se chamava Ofélia, e para minha surpresa, não era a minha mãe. Cantaram karaokê juntos e dali para frente, cantaram também a canção da esperança. Lamentava-se pelas coisas terem sido como foram, por não ter tentado mais um dia, pois isso significava ter mais um dia com Ofélia. Como havia sido uma criança, permitiu-se ver seu grande amor percorrer a saída pouco a pouco.

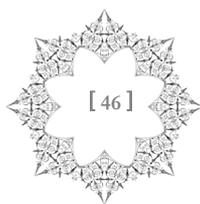
Comensação: criei essa palavra, que não significa, na verdade, nada. Usei-a para tentar expressar meus sentimentos em uma conversa muito delicada. A insatisfação de uma vida sofrida me agoniava. Preocupava-me em como pagar a cota de energia. Sentia uma comensação, uma mistura de ansiedade e angústia desenfreada, que me impediam de ser franco como amor. Deixei-o escapar por dentre os dedos, mas por vezes o mantive no mindinho. Glória estava comenserada, não suportava mais minhas distancias repentinas. Perdera já um pouco de sua disposição de apaixonada, no entanto apostou, mais uma vez, todas as fichas em mim. Comenserávamos, os dois, que se consumiam em silêncio, cada um de seu lado soprava a chama do amor, até que se apagou.

Das segundas chances: as crenças dos supersticiosos são sobre não passar sob a escada e de desprezar gatos pretos; a dos apaixonados, de que pares são pares. Glória era uma romântica incurável. Eu passava os momentos sem ela em uma tristeza tamanha. Recebia, de sua parte, tentativas diversas para que déssemos mais uma chance para nosso amor, mas eu me prendia. Não conseguia falar, acabávamos em uma série de desencontros. Até que em uma viagem de ônibus, adormeci. Tive um sonho lindo, em que ela me abraçava e nunca nos separamos. No instante em que acordei, ainda a sentia ao meu redor. Portanto, foi minha vez de procurá-la.

Casamento: como esperado, aos vinte e oito anos, em um dia de junho, o mês dos casamentos, uni-me no altar com uma mulher, que é claro, não era Glória. O real demora e cansa, mas na época não sabia disso. Minha esposa e eu casamos poucos meses após Glória me deixar, sentado na porta da minha casa a chorar por sua partida. O relacionamento foi tão natural e simples, que parecia o certo a ser feito. Entretanto, não mais me inspirava a escrita. Com Glória, se foi meu dom. Foquei-me nos outros lados da vida, fui pai, e vi também o meu partir.

A velhice: tornei-me um velho ranzinza. Irritava-me com meu filho e esposa com facilidade. O apartamento de apenas um quarto em que morávamos os três parecia sempre menor, sentia o sufoco da rotina. A memória de Glória ainda me afligia em momentos de fraqueza, mas logo afastava. Amei, claro, minha esposa, contudo, insistia em remar rumo ao passado. Vivia acomodado, no entanto, apesar de tudo, consideravelmente feliz. Não parecia um dia anormal quando ouvi um som alto vindo do banheiro. Agarrei-me a fé nesse período e nos próximos meses no hospital. Era inacreditável que minha esposa iria por um acidente tão simples. Mas assim foi e não houve nada que pudesse fazer. Fiquei tocado com sua morte, pois, não obstante vivêssemos mais uma amizade harmônica que um casamento de fato, amei-a.

Para falar de amor: no funeral compareceram poucas pessoas, entretanto uma delas me lembrava bem. Nem seu rosto envelhecido e os cabelos brancos seriam capazes de apagar a memória daquele amo tamanho. Dar-me-ia, afinal, quantas chances houvesse, porque era pra ser. Sei que pareceu precipitado, mas foi inevitável. Soba cruz da igreja, revelamos nossos sentimentos. “Vim, meu querido”, disse Glória, sem medo, “para falar de amor”.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Amarelo

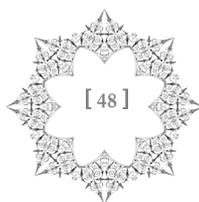
Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Tudo parecia se apresentar em comunhão...
as flores amarelas, latas amarelas,
carros amarelos... até uma borboleta
voando à minha frente, era amarela.

Não sei se foi a coincidência do amarelo
que desencadeou o sentimento
ou se foi o sentimento que salientou o amarelo.
Pois lembrando bem, havia uma plethora de cores.

Mas, no cenário daquela hora,
só o amarelo resplandecia.
E tudo era saudades!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Referências

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Olhei. E a luz que daqueles olhos emanava,
tirou-me quaisquer dores
que por acaso tivesse.

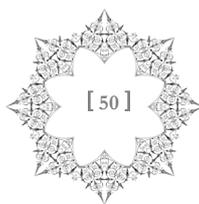
Para o seu reino de outros
entendimentos, outros parâmetros,
pareceu me transportar.

As referências, as relevâncias mudaram.
Instantaneamente, tudo se desnudou.
E muito mais leve tudo ficou.

Não foi necessário entender, pois,
mesmo se eu quisesse, não entenderia.
Distante no tempo, o meu cérebro.

Era preciso apreciar somente aquele instante.
A troca de olhares...
e se possível, afagos também.

E pareceu-me assim, outro mundo...
a interação com outros seres da natureza
a trazer-me homeostase... e paz.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Irmãos na diferença

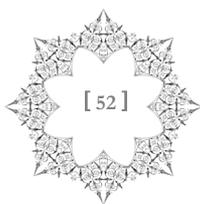
Por Sellma Luanny

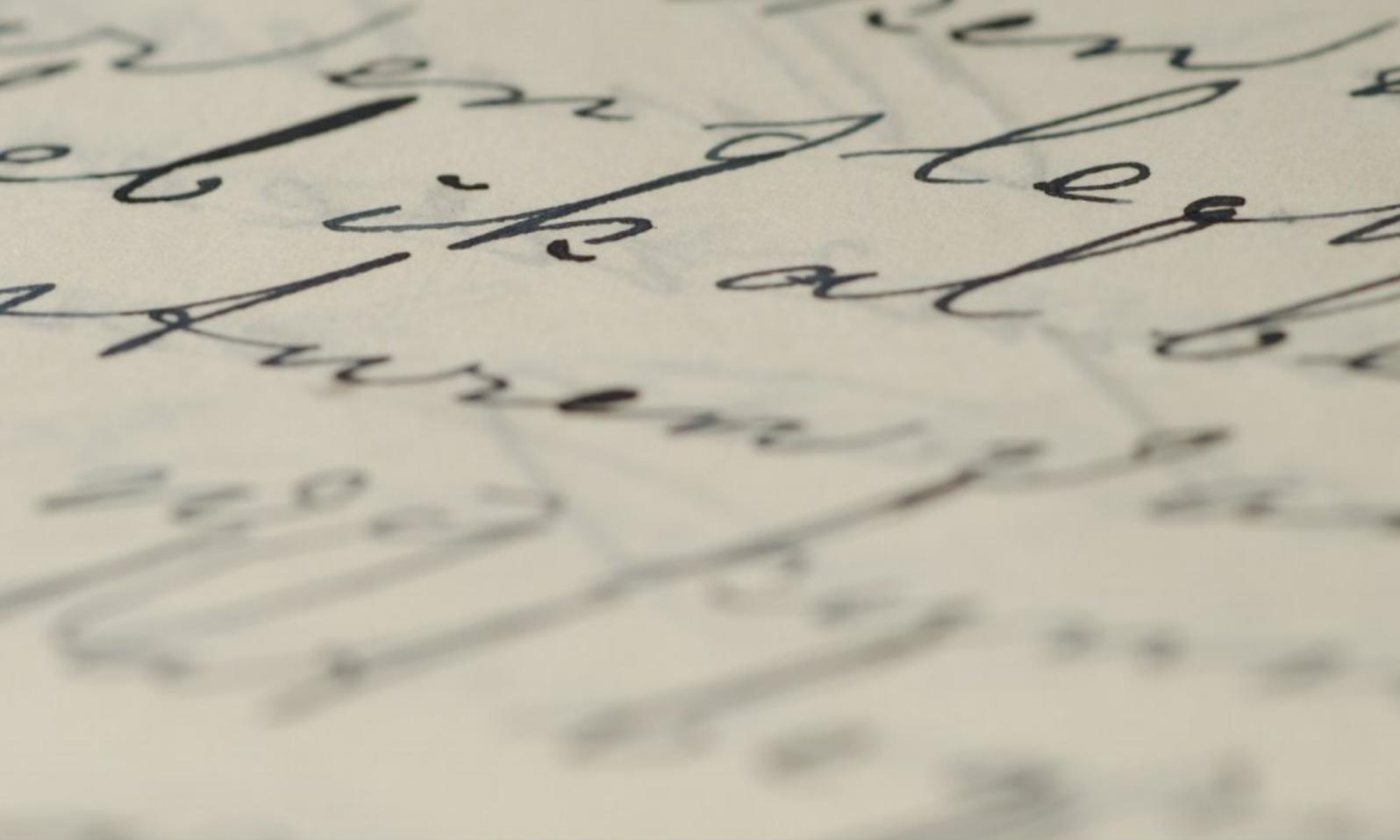
Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

O humano que em nós, consolidou-se
e na matéria que nos dá forma,
em miríades de sabores se dissolve,
e no todo, recria-se em diferenças e nuances...
Está tudo aí... evidente... claramente!

O humano na desigualdade de detalhes,
liga-nos na trama que somos...
As cores, as raças, as línguas,
os talentos, as culturas, as crenças...
do uno original, expressões...

O humano que até aqui, nos trouxe
e a um futuro do qual luz alguma, há...
a nos impulsionar...
E uma inquestionável certeza,
mesmo em trevas, se solidifica:
somos todos irmãos!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

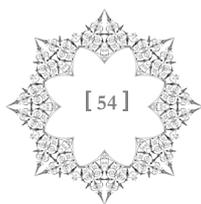
Mais uma triste história de amor

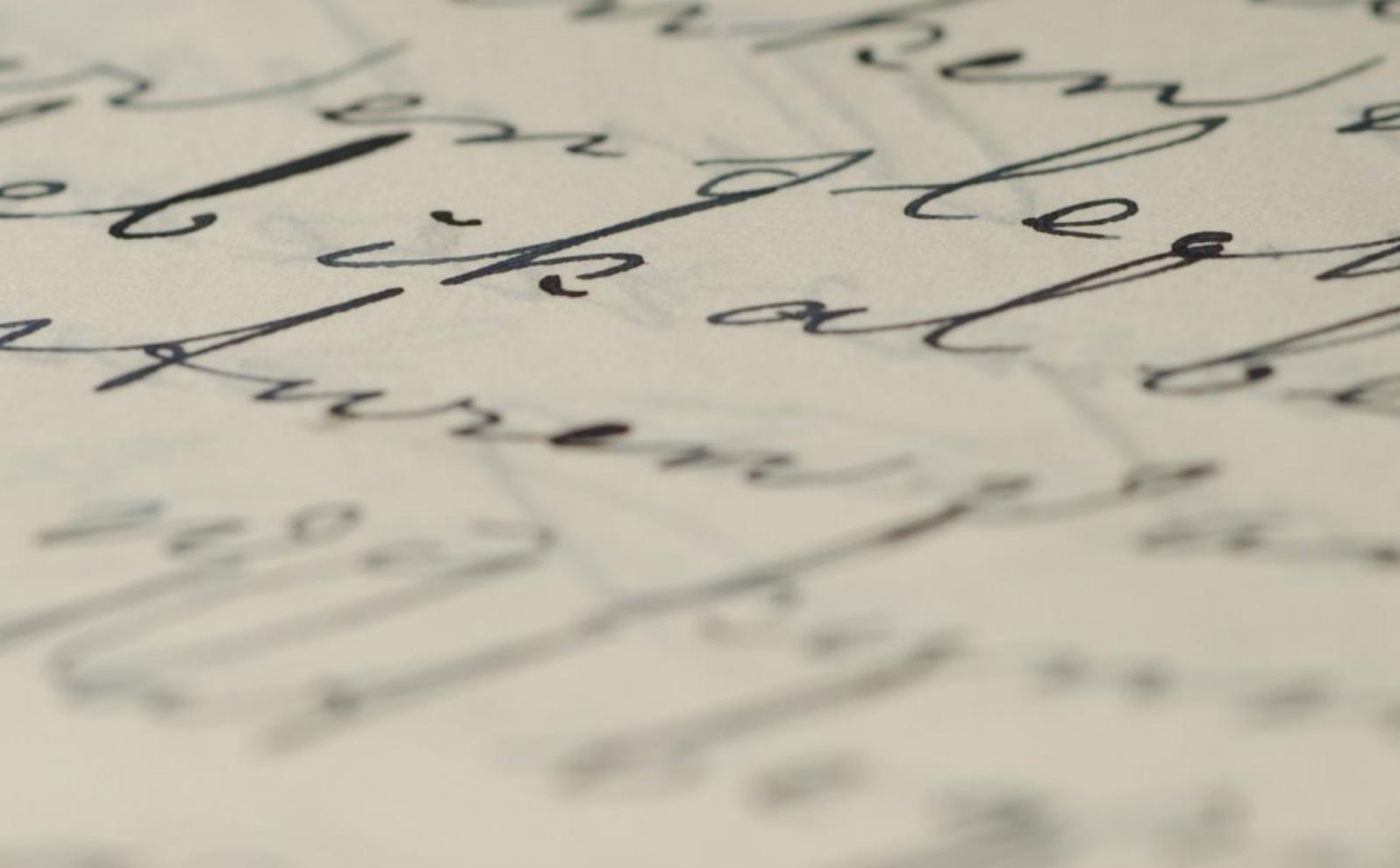
Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Parecia o florescer de um belo romance de amor.
Tudo levava a crer...
o cenário as cores a luz... mágicos sorrisos
e o recíproco brilhar dos olhos a espelharem júbilo.
A caminhar para puro deleite e felicidade.
Mas no caminho, se perdera e destroçado fora.
A suprimir o encantamento
uma trágica imposição.
Lugar cedera ao "dever" de uma dolorosa vida
sem conexão ao desafortunado sentimento
- que derrapou, esmoreceu e se enclausurou.
E a si, não mais concedeu o poder das flores.
A compelir vidas e a prezar insanas vaidades,
as contradições desta humanidade.

E melancolia pelo tão desapontador
e infeliz desfecho desta fantasia de amor,
como um "soco no ventre", a doer.
E então, um desconsolado pranto
solavancou todo este cativo ser.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Cadê minha laranja?

Por Thiago Souza Santos

Thiago Souza Santos reside em Santo Antônio de Jesus - BA é licenciado em Pedagogia (UNIFACEMP) e mestrando em Tecnologias das Linguagem (PPGTEL - UNEB). Professor da educação básica numa escola do campo, compartilha o encanto pela poesia nas aulas. Seu amor pela literatura transborda além das páginas e reflete na página do Instagram @abaxeira, onde compartilha suas leituras. Também é dono do @abacaxeirabooks, o maior sebo virtual de SAJ, que objetiva facilitar o consumo consciente.

Hoje eu acordei, me recordei
Daquela nossa conversa
Você como sempre, direta
Sem rodeios, sincera

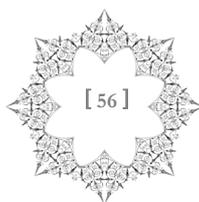
"Eu não sou a outra metade da laranja de ninguém!"
Recordo-me de cada palavra
Por vários instantes pensei:
Será que minha metade já foi chupada?

Sei lá, era isso que eu gostava em você
Sua totalidade; abstrata e concreta
Sua segurança de que não faltava nada
Até suas incertezas eram certas

Como quinze e quinze são trinta
O tempo passou, e quem diria
Aqui, beira-mar, você continua linda
Essa aí é a sua cara; muito prazer, Maria

Só queria te dizer obrigado
Tempos depois é que fui entender,
Nem laranja, nem pera, nem uva,
Apenas a totalidade do ser

Não gosto do que esses tolos falam
Da minha própria laranja senti ódio
Precisei virar suco pra entender:
Não depender de outra laranja é ter amor próprio



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI